CERCO CONGRESSO E EMPRESÁRIOS UNEM-SE NA DEFESA DE PRIVILÉGIOS FISCAIS, ENQUANTO RECLAMAM DA “GASTANÇA” DO GOVERNO. ADIVINHE QUEM VAI PAGAR

MIGRAÇÃO UM NÚMERO MAIOR DE REFUGIADOS PROCURA O BRASIL, MAS A AGILIDADE NA RECEPÇÃO CONTRASTA COM A FALTA DE POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO



CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora

MARIA *da* CONCEIÇÃO TAVARES

O LEGADO DA MAIS INFLUENTE ECONOMISTA DO BRASIL

por Luiz Gonzaga Belluzzo *e* Paulo Nogueira Batista Jr.

ANO XXIX Nº 1315 R$ 31,90
19 DE JUNHO DE 2024
01315
9 771809 669002


INÊS 249


INÊS 249
Autorregulação ANBIMA
Private
Bradesco Global Private Bank – Fone Fácil Bradesco Global Private Bank: 3004 9980/0800 718 9980. SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383.
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099. Ouvidoria: 0800 727 9933.
bradesco
global private bank

INÊS 249

CartaCapital

19 DE JUNHO DE 2024 • ANO XXIX • Nº 1315

Seu País

Economia

Nosso Mundo

Capa: Pilar Velloso. Foto: Marcelo Carnaval



Macron é o principal derrotado nas eleições legislativas da União Europeia. Pág. 40

Plural

ANDRÉ LUIZ MELLO/RIO2C E STEPHANE DE SAKUTIN/AFP

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

INÊS 249

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, André Costa Lucena, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marin Daher, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wendal Lima do Carmo
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação) e Marina Verenicz
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
ESTAGIÁRIOS: Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: Caio César
SITE: www.cartacapital.com.br

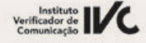
basset editora
EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
GERENTE DE NEGÓCIOS: Henrique Rogatto
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
NOVOS PROJETOS: Demetrios Santos
ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos





CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS CAPITAIS



O BC TEM DONO

Reportagem perfeita. Quem vai querer investir em indústrias, comércio, turismo etc. se tem a seu dispor taxas elevadas de juros que lhe proporcionam altos passivos? Enquanto isso, não há trabalho para as pessoas.
Cláudio Lima

OS CANHÕES DO MERCADISMO

Os demiurgos da Ciência Triste já estão detonando uma situação que nem sequer se configurou completamente. Mas os piores são os seus acólitos, os arautos do caos fabricado, que ouvem o galo cantar sem saber onde e querem ensinar o padre-nosso ao vigário. Será que escutam seus próprios argumentos?
César Augusto Hulsendeger

DESGOVERNO GLOBAL

Vivemos em um mundo de distopia em que o sonho de um futuro promissor se tornou um pesadelo, com consequências irreversíveis se o homem não inverter a lógica de exploração da terra e da ganância pelo lucro. Bilhões de seres humanos podem ser vítimas de desastres ambientais e escassez de alimentos. A fauna está ameaçada e as florestas podem desaparecer. Sabemos que a extrema-direita é negacionista e estúpida, mas será que os cientistas não possuem nenhuma influência sobre os governantes, para que eles corrijam a rota e evitem a destruição da própria humanidade?
Paulo Sérgio Cordeiro

A REVOLTA ESQUECIDA

O esquecimento é ainda maior quando não dizemos com letras garrafais quem era o comandante dos rebeldes: general Miguel Alberto Crispim Rodrigo da Costa. Temos o péssimo hábito de lembrar só dos governantes.
Luiz Carlos Ferreira

BOIADEIROS EM FÚRIA

Quando eles propõem medidas que não podem ser executadas, o objetivo é claro: desinformar, causar indignação e temor nas pessoas. Assim, buscam tornar-se uma opção de voto. Claramente, essa tática funciona.
Consuelo Sozzi

"ESQUELETO NO LITORAL"

As usinas nucleares produzem energia 24 horas por dia, todos os dias, garantindo estabilidade para a matriz elétrica. Nos últimos cinco anos, o fator de carga de Angra 1 foi de 88,24%. Por outro lado, em 2023, as usinas eólicas entregaram ao sistema, em média, 39,50% da capacidade, enquanto as solares apenas 24,08%. A Eletronuclear produz energia limpa, sem a emissão de gases de efeito estufa, e faz o acondicionamento seguro de todos os combustíveis usados, que não são considerados rejeitos porque poderão ser reciclados, como acontece na França e no Japão. O setor nuclear não dispõe de subsídios do governo federal. Apesar do custo de implantação, o setor nuclear tem impacto positivo na economia. Estudo da FGV indicou que a cada 1 bilhão de reais investido, retornam 3,1 bilhões ao PIB nacional. Angra 3 será uma usina moderna e segura. Seu reator do tipo PWR é o mais utilizado no planeta. O projeto vai incorporar avanços nos sistemas de instrumentação e controle, que terão como base o estado da arte da tecnologia digital.
Eletronuclear

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

INÊS 249

A Semana

Liga e desliga

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, determinou, na segunda-feira 10, que o governo de São Paulo cumpra as normas estabelecidas na Portaria 648 de 2024, do Ministério da Justiça e Segurança Pública, para aquisição e uso de câmeras corporais em operações policiais. O documento estabelece que o acionamento das câmeras seja feito de modo automático, com gravação ininterrupta, e que o armazenamento do material captado dure 365 dias. Recentemente, o governador paulista, Tarcísio de Freitas, anunciou uma licitação para adquirir 12 mil novos equipamentos, mas com um dispositivo que permite ao policial decidir quando iniciar a gravação. Além disso, pelo modelo previsto no certame, as imagens seriam preservadas por apenas 30 dias. Após esse período, poderiam ser descartadas.



Salomão não deixou arquivar o caso, como queria Barroso

Justiça/ Tapete sacudido

O CNJ envia ao STF e à PGR relatório a citar conluio lavajatista para desviar 2,5 bilhões de reais

Na terça-feira 11, o Conselho Nacional de Justiça enviou à Procuradoria-Geral da República e ao Supremo Tribunal Federal o relatório que lastreou a abertura de processos disciplinares contra quatro magistrados que atuaram em processos da finada Lava Jato. A medida foi tomada pelo corregedor Luís Felipe Salomão após o plenário do CNJ autorizar, na sexta-feira 7, sindicâncias contra os desembargadores Thompson Flores e Loraci Flores de Lima, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, e os juízes federais Danilo Pereira e Gabriela Hardt. Uma derrota para o ministro Luis Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal, que fez de tudo para arquivar a investigação, mas saiu derrotado na votação.

O relatório elaborado pela Corregedoria Nacional de Justiça concluiu que o ex-juiz e hoje senador Sergio Moro, o ex-procurador e deputado cassado Deltan Dallagnol e a juíza afastada Gabriela Hardt atuaram para desviar cerca de 2,5 bilhões de reais provenientes de acordos de leniência e colaboração premiada da Lava Jato para criar "uma fundação voltada ao atendimento a interesses privados". Já Thompson Flores e Loraci Flores foram acusados de descumprir deliberadamente decisões do STF que suspenderam os processos contra o ex-juiz da Lava Jato Eduardo Appio. Eles faziam parte da 8ª turma do TRF-4, colegiado que afastou Appio do cargo. O juiz federal Danilo Pereira também participou desse julgamento.

O documento é assinado pelo delegado da Polícia Federal Élzio Vicente da Silva, que deu suporte a Salomão na correição extraordinária realizada na 13ª Vara Federal de Curitiba, comandada por Moro e depois por Hardt, e na 8ª turma do TRF-4. Com o envio dos relatórios de inspeção, a PGR deverá avaliar a abertura de investigações criminais contra os juízes. No STF, caberá ao ministro Dias Toffoli a análise do caso.

Embora tenham participado das tratativas para a constituição do fundo da Lava Jato, Moro e Dallagnol não são alvo dos processos disciplinares do CNJ porque o primeiro abandonou a magistratura e o segundo era integrante do Ministério Público, não do Judiciário. Ao despachar o relatório à PGR e ao STF, no entanto, Salomão abriu caminho para que ambos sejam investigados por eventuais crimes na destinação de recursos públicos para a fundação privada que a turma pretendia gerir.

19.6.24

Futebol/ Algoz de racistas

Vini Jr. celebra a primeira condenação de torcedores por racismo na Espanha

Em decisão inédita, a Justiça da Espanha condenou a oito meses de prisão três torcedores do Valência acusados de proferir insultos racistas contra o brasileiro Vinícius Jr., um dos astros do Real Madrid, em uma partida do campeonato espanhol ocorrida em maio de 2023. O trio também terá de pagar multa e fica proibido de ir a estádios durante dois anos.

O Real Madrid informou que os acusados assumiram a responsabilidade criminal e redigiram uma carta de desculpas a Vini Jr, ao clube e à liga espanhola. Além disso, destacou que esta é a primeira condenação por um caso de racismo no futebol espanhol e afirmou que "continuará trabalhando para proteger os valores do clube e erradicar qualquer comportamento racista no mundo do futebol e do esporte".

"Muitos pediram para que eu ignorasse, outros tantos disseram que minha luta era em vão e que eu deveria apenas 'jogar futebol'. Mas, como sempre disse, não sou vítima de racismo. Eu sou algoz de racistas. Essa primeira condenação penal da história da Espanha não é por mim. É por todos os pretos", escreveu Vini Jr. no X (antigo Twitter). "Que os outros racistas tenham medo, vergonha e se escondam nas sombras."



"Não é por mim. É por todos os pretos", escreveu o atleta nas redes sociais

Carunchos no leilão do arroz

Em meio a suspeitas de irregularidades, o governo federal decidiu anular, na terça-feira 11, o leilão público para a compra de arroz importado e realizar um novo pregão em data ainda não definida. Responsável pelo processo, o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Neri Geller, foi demitido. A exoneração foi assinada pelo ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa. Duas empresas criadas por um ex-assessor de Geller, a Bolsa de Mercadorias de Mato Grosso e a Foco Corretora de Grãos, intermediaram a venda do arroz pelo leilão. Elas representaram três das quatro empresas que ganharam o certame, a ARS Locação de Veículos e Máquinas, a Zafira Trading e a Icefruit Indústria e Comércio de Alimentos. O perfil das empresas gerou suspeitas porque elas não atuam no ramo.

Investigação/ FARRA NA CODEVASF

MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES DE LULA É INDICIADO PELA PF POR CORRUPÇÃO

A Polícia Federal indiciou o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, por envolvimento em suposto esquema de desvio de recursos públicos em obras de pavimentação realizadas pela estatal Codevasf. A investigação aponta indícios de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e organização criminosa. Por se tratar de uma autoridade com direito a foro privilegiado, o relatório final do caso foi enviado ao ministro Flávio Dino, relator do inquérito no Supremo Tribunal Federal.

Os investigadores mencionam um relatório da Controladoria-Geral da União, a apontar que obras da Codevasf teriam beneficiado propriedades da família do ministro. Suspeita-se ainda do desvio de recursos reservados para pavimentar ruas da cidade maranhense de Vitorino Freire, governada por Luanna Rezende, irmã do ministro. Parte das emendas parlamentares destinadas à execução dessas obras foram apresentadas por Juscelino Filho no período em que ele atuava como deputado federal.

Em nota, o Ministério das Comunicações diz que Juscelino Filho é "vítima de uma acusação injusta" e "o maior interessado" no esclarecimento do caso. "Sua conduta sempre foi pautada pela ética, responsabilidade social e utilização adequada dos recursos públicos."



Juscelino Filho nega irregularidades e se diz "vítima de acusação injusta"

JOSE JORDAN/AFP, SHIZUO ALVES/MCOM, ARQUIVO/STJ E ANDRESSA ANHOLETE/STF

A Semana

Filho problema

Hunter Biden continua a ser uma dor de cabeça para o pai candidato. Em 2020, quando Joe Biden enfrentou Donald Trump pela primeira vez, o nome do único filho vivo do atual presidente dos EUA surgiu em um escândalo de propina a envolver uma empresa de gás da Ucrânia. Quatro anos depois, surge a notícia de que Hunter foi condenado no estado de Delaware por mentir sobre o vício em *crack* ao preencher o formulário para a compra de uma arma em 2018. A pena pode chegar a 25 anos de prisão. É mais um problema na tormentosa campanha à reeleição.

Israel/ Um "moderado" a menos

Benny Gantz deixa o gabinete de guerra e pede novas eleições



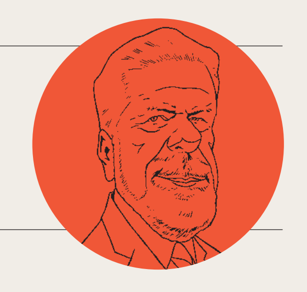
O ex-*premier* acusa Netanyahu de só estar preocupado com o próprio pescoço

JACK GUEZ/AFP

Na falta de interlocutores razoáveis, parte do Ocidente depositava no ex-primeiro-ministro Benny Gantz a esperança de diálogo e racionalidade no gabinete de guerra de Israel. Perda de tempo. Cansado do isolamento, Gantz anunciou, no domingo 9, que estava abandonando o triunvirato que recebeu carta branca para agir na resposta aos ataques do Hamas de 7 de outubro passado. Além do *ex-premier*, integram o gabinete o atual chefe do governo, Benjamin Netanyahu, e o ministro da Defesa, Yoav Gallant. Bibi e Gallant não só são correligionários do Likud, como também partilham a mesma visão sobre o conflito: não pretendem parar até atingir o suposto objetivo de exterminar o grupo armado, nem que o "efeito colateral" seja o genocídio palestino. Ao deixar o posto, Gantz defendeu a realização de eleições até o fim do outono no Hemisfério Norte, apontou a falta de um plano "pós-guerra" e deu a entender que Netanyahu coloca a própria sobrevivência política acima do compromisso de resgatar os reféns em poder do Hamas. "Não deixe que o nosso povo seja dilacerado", declarou o ex-militar, normalmente descrito como centrista. A decisão de Gantz tem um único efeito sobre o panorama atual, empurra o atual primeiro-ministro ainda mais para o colo da extrema-direita israelense. Resta saber se Tel-Aviv também continuará a ignorar a pressão internacional. Na segunda-feira 10, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou os termos do acordo de cessar-fogo proposto pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. O plano é dividido em três etapas e vai da troca de reféns israelenses por prisioneiros palestinos à reconstrução da Faixa de Gaza. Foram 14 votos a favor e uma abstenção, da Rússia.

JAQUES WAGNER

Líder do governo no Senado, foi governador da Bahia e ministro do Trabalho, da Defesa e da Casa Civil



A praia é nossa

▶ A privatização de terrenos à beira-mar ameaça o ecossistema costeiro e o acesso do povo a um patrimônio que hoje pertence a todos os brasileiros

Nas últimas semanas, o debate em torno da chamada "PEC das Praias" tomou conta das redes sociais, do noticiário e das rodas de conversa por todo o País. Não é por menos. O assunto é delicado, merece uma discussão mais aprofundada e algumas reflexões para que possamos avançar sobre um tema que pode afetar a vida de milhões de brasileiros.

A PEC 3/2022 permite a transferência dos denominados terrenos de marinha, hoje sob responsabilidade da União, para ocupantes particulares, estados e municípios. Essas áreas se estendem por toda a costa brasileira na faixa de 33 metros contados a partir de uma linha imaginária conhecida como "preamar" em direção ao interior do continente. Também são consideradas margens de rios e lagoas que sofrem influência de marés.

O debate ganhou intensidade após audiência pública realizada no Senado, em que a Secretaria de Patrimônio da União do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos se posicionou claramente contra a proposta, juntamente com o Ministério do Meio Ambiente e o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

Desde a retomada da discussão sobre a matéria, já aprovada na Câmara, a gestão do presidente Lula posicionou-se contrária à proposta. Os argumentos são bem claros: a medida impacta diretamente na proteção das áreas costeiras e na forma como elas são ocupadas pela população.

Uma eventual aprovação da PEC traria vários riscos, como aumento da especulação imobiliária, impactos ambientais descontrolados e imprevisíveis, perda de receitas para a União (1,1 bilhão de reais por ano), insegurança jurídica e ameaça à soberania nacional. Haveria ainda consequências negativas para as colônias de pescadores, marisqueiros e outros grupos que dependem desse ecossistema para sua subsistência.

O assunto está longe de ser exclusividade brasileira e acumula polêmicas pelo mundo. O caso da Itália é emblemático. O país é hoje um dos que possuem o maior porcentual de região costeira privatizada. Um estudo de 2021, divulgado em reportagem do *site* Opera Mundi, revelou que mais da metade das praias italianas é gerida pelo setor privado.

A promessa de que a gestão particular seria rigidamente fiscalizada não se concretizou. Ao contrário, algum tempo depois uma nova lei permitiu a renovação automática dos contratos de concessão em caráter vitalício e hereditário. A consequência revela-se em outra pesquisa, de 2020: 41,9% dos italianos disseram não ter condições de passar uma semana de férias na praia. Há casos de diárias custando 150 euros, ou mais de 800 reais, o que evidencia a elitização desses espaços.

Do mesmo modo, a PEC em tramitação vai na contramão da legislação de países desenvolvidos como EUA, Noruega, Inglaterra e Portugal, que defendem a preservação e o reconhecimento das áreas litorâneas como patrimônio público. A Espanha, que havia privatizado boa parte de seus terrenos de marinha, voltou atrás e agora enfrenta problemas para desapropriá-los. A França também tem recomprado áreas costeiras privatizadas para restaurá-las. No Reino Unido, o National Trust tem iniciativa semelhante.

Ainda que não trate especificamente de privatização da areia ou do mar, a PEC permite que particulares sejam donos dos acessos. Se o caminho para a praia tem dono, só chega à praia quem ele quiser.

Além disso, há que se considerar o fator ambiental. Como vimos recentemente no Rio Grande do Sul, os impactos provocados pelas mudanças climáticas estão provocando, de forma cada vez mais frequente, uma série de inundações, invasões de ressaca e de marés de tempestade. Por isso, é fundamental escutar climatologistas, oceanógrafos, ambientalistas, biólogos e outros especialistas antes de levar a cabo qualquer demanda que possa ameaçar o meio ambiente.

Vale lembrar que a proposta teve a oposição até mesmo do governo anterior. Em fevereiro de 2022, quando o texto foi aprovado na Câmara, a Secretaria de Patrimônio da União, então ligada ao Ministério da Economia, alertou que a aprovação representaria a "maior transferência de patrimônio público para o privado que se tem notícia na história". A liderança do governo na Casa orientou, inclusive, voto contrário.

Diante de todo esse histórico e de tantos alertas, precisamos manter a gestão dos terrenos de marinha nas mãos do Poder Público. Só assim seremos capazes de garantir seu papel fundamental na prevenção de riscos, no equilíbrio do meio ambiente, no enfrentamento da crise climática e na defesa da nossa soberania. Nossas praias são um patrimônio que não pertence a nenhum governo. Ele é, e sempre será, do povo brasileiro. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

Querida Ceiça

SEMPRE A REVER AS PRÓPRIAS IDEIAS, NUNCA A NEGAR O QUE ESCREVEU

por LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Ainda mergulhado em minhas tristezas e amarguras com a despedida de minha grande companheira de tantas batalhas, vou oferecer ao leitor de *CartaCapital* um perfil mais afetivo do que acadêmico de minha querida amiga Maria da Conceição Tavares.

Na posteridade da animada festa que celebrou seus 80 anos, na alegria que sempre mereceu dos amigos, Ceiça vestiu uma camisa do Vasco e saiu por aí. Foi ao jogo contra a turma da camisa listrada rubro-negra. Acompanhada do filho Bruno e do neto torceu e vibrou na arquibancada. O time do Almirante não fez feio. Empatou jogando de igual para igual com o adversário.

O leitor avisado imagina que, se nos gramados Conceição se conforma com empates, no campo das porfias intelectuais e políticas ela não tem piedade dos adversários. Posso garantir: é lenda. Os colegas e alunos que conviveram com a professora sabem que sua inteligência inquieta e irreverente não ataca o interlocutor, mesmo em casos terminais em que o cidadão apresenta graves sintomas de neoliberalismo ou de esquerdismo infantil.

Posta a controvérsia, Conceição maneja os argumentos mais complexos com uma velocidade bem acima da média permitida aos comuns. Isso realimenta a lenda. Quando a coisa esquenta, a capacidade analítica e de abstração da professora descarna o adversário. Seja ele Pedro, João ou Francisco, a parte contrária transmuta-se em uma forma, um suporte

CONCEIÇÃO BUSCAVA A PARTICULARIDADE BRASILEIRA SEM REJEITAR OS CONCEITOS E OS VALORES COM ASPIRAÇÕES À UNIVERSALIDADE



Adeus a uma lenda



MARCELO CARNAVAL

das ideias em disputa. Nada pessoal. Não raro ela toma a arma do contendor, reordena os termos do argumento adversário e passa a acuar o cidadão em seu próprio campo. Mas, se o adversário não tem molejo, corre sério risco de terminar o torneio com a autoestima nos calcanhares ou, como muitas vezes observei, com a soberba intelectual em frangalhos.

Quem está habituado às precariedades da razão sabe que essa dialética peculiar é um método de fazer avançar o conhecimento e a compreensão. Conheço poucos intelectuais tão desapegados de sua (autêntica ou suposta) originalidade. Conceição concede e recebe contribuições com enorme generosidade. Rejeita as duas mesquinharias em voga na cultura do narcisismo: patentear as próprias ideias e esconder que a ideia é do outro. Por isso, as "desavenças" teóricas e outras nem tanto que Conceição sustentou com seus amigos e colegas terminaram em teses de mestrado e doutorado, artigos a quatro mãos e livros publicados.

Conceição buscou a particularidade brasileira sem rejeitar os conceitos e os valores com aspirações à universalidade, nascidos da generalização das relações sociais, econômicas políticas e culturais surgidas da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Essa especificidade histórica não foi construída por meio da oposição abstrata e rebarbativa entre modelos também abstratos, mas, sim, mediante a investigação histórica, única forma de se dar o sopro de vida aos conceitos. A diversidade de experiências, dentro do marco comum das aspirações à "modernidade", foi o emblema dos Trinta Anos Gloriosos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Era possível, então, aos intelectuais das nações emergentes – e Conceição estava entre eles – desenhar o espaço no qual seriam construídas as utopias da igualdade e das liberdades, mediante a "invenção" de seus próprios caminhos, numa emulação enriquecedora com os países centrais. Assim, a convergência para os valores, formas de convivência e instituições políticas nascidas do Iluminismo, das revoluções francesa e norte-americana e da Revolução Industrial seria acompanhada da diferenciação de estilos, da valorização das tradições culturais e do respeito aos processos "locais" de integração social.



ACERVO/ONU, ACERVO/LSE-PS/LONDON E ANTONIO SCORZA/AFP

Ceiça nunca exibiu temor reverencial pelos mestres e amigos, como bem sabia Celso Furtado, que ouviu poucas e boas da "aluna"

No Brasil, as forças ditas progressistas foram impotentes para promover as reformas necessárias e levar adiante um projeto de desenvolvimento nacional que deveria ultrapassar os marcos estritos do mero crescimento econômico. O avanço da industrialização e da modernização social e política foi travado pelas alianças políticas, regionais e de classe que incorporaram os interesses mais retrógrados e reacionários ao bloco desenvolvimentista. Essa circunstância explica a derrota, no imediato pós-Guerra, das tendências políticas que almejavam maior autonomia nacional. Tal pretensão não significava, como pretende o cosmopolitismo conservador, a busca de uma economia autárquica.

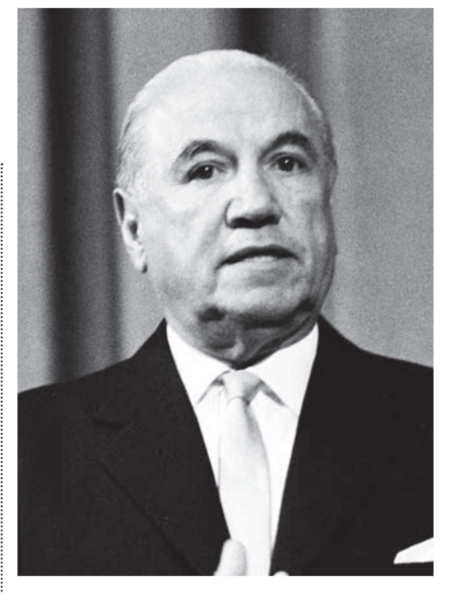
Conceição sempre insistiu na neces-

sidade de se manter sob o comando nacional – estatal ou privado – os setores decisivos do ponto de vista financeiro e tecnológico, estratégicos no que respeita à governança da economia e, sobretudo, nucleares para coordenar as decisões de investimento. A repactuação continuada do compromisso com o cosmopolitismo conservador foi, na verdade, responsável pela trajetória que levou o capitalismo brasileiro aos impasses que o imobilizam atualmente: a deformação sistemática da vontade popular, imposta por um sistema político oligárquico e intrinsecamente antirrepublicano, a espantosa persistência da estrutura agrária que está na origem da reprodução e ampliação das desigualdades sociais, transportadas do campo para a cidade.

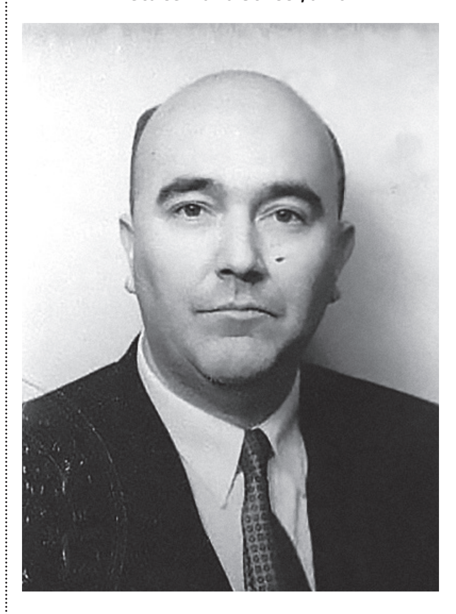
Egos inflados, esquerdistas festivos ou cabeças quadradas devem guardar distância de Conceição. Nessa turma minha amiga coleciona uma legião de ressentidos. É difícil convencer os atingidos, mas ela não briga com os indivíduos. Muito menos pretende humilhar os antagonistas. As aparências podem indicar o contrário, mas Conceição tem horror a veredictos pessoais peremptórios e abomina moralistas e fuxiqueiros. Revela mais tolerância com a desinformação e as tolices dos inocentes do que com a parolagem dos que se dedicam a enunciar banalidades solenes, aliás, uma marca de nosso tempo. Quem quiser arrumar encrenca da boa, encha a boca para falar obviedades pretensiosas, como estas que encalacraram o País. Coisas do tipo: "É preciso cortar gastos".

Está todo o tempo criticando, brigando com as ideias, as suas e as dos outros. Se há algum consolo para aqueles que ficam ressabiados depois de uma refrega, saibam que as suas próprias ideias são as primeiras a sofrer no corredor polonês de seu vezo crítico. Conceição pode atravessar horas, dias, meses inteiros revendo e reformulando o que pensou e falou. Mas não esquece o que escreveu.

Os interlocutores de Conceição têm dificuldade, muitas vezes justificada, de compreender que ela não quer, em qualquer sentido, derrotá-los no debate. Este seria um objetivo menor, desprezível e mesquinho. Para ela, tanto melhor se o oponente demonstrar capacidade de se defender e contra-atacar. A discussão esquenta, ela vai bater com mais força. Mas esta é apenas uma forma peculiar de incorporar os argumentos do outro. O contendor, tomado de perplexidade, recebe de volta as próprias razões como se fossem as dela, em geral reapresentadas de maneira inventiva e inovadora.



Prebisch se incomodava com o estilo de Tavares. Aníbal Pinto levava na esportiva. *"Esta es Maria Conce"*, dizia



TINHA MAIS TOLERÂNCIA COM A DESINFORMAÇÃO DOS INOCENTES DO QUE COM A PAROLAGEM DOS QUE SE DEDICAM A ENUNCIAR BANALIDADES SOLENES

Temor reverencial, zero. O velho Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aníbal Pinto, mestres e amigos – figuras que admira e respeita – ouviram poucas e boas. O velho Prebisch ficava um pouco incomodado, Celso condescendente, mas Aníbal, o mais brasileiro dos chilenos, levava na esportiva: *"Esta es Maria Conce"*. Num seminário, em 1981, no México, de forma suave e didática, em inglês impecável – descontado o sotaque à Adolpho Celli, o vilão de James Bond em *Chantagem Atômica* –, Conceição destruiu o modelo de *export-led growth* que os economistas de Cambridge, às vésperas da crise da dívida externa de 1982, tentavam vender ao governo mexicano. Os negócios acadêmicos, diga-se, iam de vento em popa. O discípulo da professora Joan Robinson, John Eatwell, hoje Lorde Eatwell, acuado e incapaz de responder às objeções, partiu para a agressão verbal.

No dia seguinte, no café da manhã, foi obrigado por Nicholas Kaldor a pedir desculpas. Conceição, Luciano Coutinho, o argentino Arthuro O'Connel, Fernando Fajnzylber e este que vos fala ouviram Eatwell dizer, em inglês, sob os olhares vigilantes de Lorde Kaldor: "Fui tolo, arrogante e inconveniente". Finalmente, Eatwell havia conseguido dizer alguma coisa útil naquele seminário. Conceição comia um sanduíche: "Deixa pra lá, vou cuidar de meu sanduíche", respondeu em português, entre uma garfada e outra. •



Os meios de comunicação enviaram a economista para a Sibéria, mas ela escapou

Verve e eloquência

AO LADO DE BRIZOLA, MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES FORMOU A MAIOR DUPLA DE ORADORES DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

por PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.*

A comoção provocada pela morte de Maria da Conceição Tavares é mais uma demonstração da força incontrastável da sua personalidade vulcânica. Ela impressionava não só pelo seu conhecimento e inteligência, mas também – e nisso era insuperável – pela verve e eloquência.

O Brasil teve dois grandes oradores nas décadas recentes – ela e Leonel Brizola. Quando Conceição tomava a palavra e, especialmente, quando conseguia conter um pouco seus rompantes, ela brilhava intensamente e deixava marcas inesquecíveis. Ainda me lembro dela num evento em Buenos Aires, nos anos 1980, irritada com o radicalismo dos argentinos, exclamando: "Vocês são uns românticos alemães!", para depois desenvolver toda uma argumentação em favor da moderação e do equilíbrio. Observação agudamente perspicaz a dela. Quem conhece a Argentina e o romantismo alemão há de concordar que existe, sim, um parentesco que ajuda a entender a atração pelo abismo dos nossos queridos vizinhos.

Em outra ocasião, presenciei um debate dela com estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pressionada por intervenções hiperesquerdistas da plateia, ela explodiu: "A ideologia é uma plataforma precária!" Advertência fundamental. Conceição não deixava de ser ela mesma uma ideóloga, como é natural, mas nos ensinava que sem estudo, conhecimento e ciência não se chega nem na esquina.

Esses dois episódios são reveladores de um traço do seu caráter. Conceição era um paradoxo ambulante. Defendia a cautela com o máximo de exaltação, pregava a moderação aos berros. Só quem a conhecia um pouco mais de perto sabia que a sua fúria retórica escondia uma personalidade essencialmente moderada.

Destaco mais um aspecto notável de sua trajetória. Lembre-se, leitor ou leitora, que duas circunstâncias limitaram

MARCELO CARNAVAL

muito a sua repercussão pública. Primeira: nunca teve cargos de relevo no governo federal. Em determinado momento, nos anos 1990, creio que Conceição teve a pretensão de tornar-se presidente do Banco Central. "Temos que tirar o Banco Central das mãos dos bandidos", bradava. Não conseguiu. Desde então, esse cargo foi ocupado quase sempre por figurinhas carimbadas do mercado financeiro. Conceição ficou de fora e nunca teve a projeção automaticamente conferida por funções de destaque na área econômica do governo.

Outra circunstância adversa: ela foi mandada para a Sibéria pela mídia tradicional. E para sempre. Sofreu uma espécie de exílio interno. Nunca voltou das estepes geladas. Raramente era entrevistada, os seus artigos quase nunca chegavam às páginas dos jornais, a sua voz não chegava à rádio e muito menos à televisão.

Apesar disso, apesar da censura sistemática, apesar de não galgar posições no governo, a voz de Conceição ecoava forte por todo o País. Era admirada, respeitada e temida. Ai de quem se descuidasse na presença dela. Qualquer deslize ou inconsistência suscitava reações fulminantes. Eu mesmo, quando a encontrava, tomava o máximo cuidado para não dizer nada de remotamente controvertido e desencadear alguma explosão.

APESAR DA CENSURA MIDIÁTICA, SUA VOZ ECOAVA FORTE POR TODO O PAÍS. ERA ADMIRADA, RESPEITADA E TEMIDA

Com o surgimento das redes sociais, sua projeção se ampliou. A mídia convencional perdeu o seu monopólio e gente como Conceição pôde participar mais do debate público. Muitos que ainda não a conheciam ficaram deslumbrados com seu brilho, capacidade polêmica e vasto conhecimento – não só de economia, mas de política, história e cultura. Viram o seu compromisso inabalável com o Brasil. E, ao mesmo tempo, a sua indignação com as injustiças sociais e a extrema desigualdade na distribuição da renda e da riqueza no nosso país. Gravações das suas aulas e palestras viralizaram.

Ela tem sido intensa e merecidamente homenageada nos últimos dias. Porém, muitos dos que falam elogiosamente sobre Conceição, postam fotos com ela e lamentam a sua morte pouco ou nada têm a ver com o seu pensamento e a sua pregação. Lágrimas de crocodilo. Ela teria recebido essas homenagens a patadas.

Machado de Assis dizia de um recém-falecido, pela boca de um dos seus personagens: "Está morto, podemos homenageá-lo à vontade". Só lamento que Conceição não tenha sido ainda mais reconhecida e homenageada em vida. •

**Economista, foi vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento, estabelecido pelos BRICS em Xangai, e diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional pelo Brasil em dez países.*
E-mail: *paulonbjr@hotmail.com*

DA "VENEZA" PORTUGUESA À BAÍA DE GUANABARA

Tavares deixou a ditadura salazarista para trás, mas nunca desistiu do Brasil

Anadia é um vilarejo parado no tempo no noroeste de Portugal. Tinha 23.245 almas quando Maria da Conceição de Almeida Tavares nasceu, em 1930, atualmente tem 27.532, segundo o último Censo. Integra o distrito de Aveiro, cidade cortada por dois canais que os locais, dotados de imaginação peculiar e excessiva alegoria, apelidaram de a "Veneza" portuguesa. Fausto, o pai anarquista, abrigou refugiados da Guerra Civil Espanhola, combatentes perseguidos por Francisco Franco, aliado do ditador português António de Oliveira Salazar. Conceição Tavares viveu a adolescência e parte da juventude sob o regime salazarista. Licenciou-se em Matemática em 1953, em Lisboa, após abandonar o curso de Engenharia. Um ano depois, grávida da filha Laura, mudou-se para o Rio de Janeiro acompanhada do primeiro marido, o engenheiro Pedro José Serra Soares. Trabalhou no Inic, precursor do Incra, obteve a cidadania brasileira e em 1957 ingressou no curso de Economia da Universidade do Brasil, futura UFRJ, onde mais tarde faria história como professora. Passou pelo BNDES e integrou um dos grupos executivos do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. Formou gerações de economistas e políticos e abraçava a função de intelectual pública. Depois de uma década filiada ao PMDB, trocou o antigo partido de oposição à ditadura brasileira pelo PT, legenda pela qual seria eleita deputada federal em 1995. Cumpriu um único mandato. Permaneceu no Partido dos Trabalhadores até o fim da vida, mas, aos poucos, afastou-se da militância. Nos últimos anos, em contraste com o isolamento físico, tornou-se uma "influenciadora" nas plataformas digitais. Aulas, entrevistas e palestras foram descobertas pelos jovens, estudantes de Economia ou não. As frases, diretas, irônicas, icônicas, sonantes, continuam a causar o mesmo efeito que provocavam nos interlocutores da "Idade da Pedra", antes do advento da internet. Uma delas, dita em 1995: "Se você não se preocupa com justiça social, com quem paga a conta, você não é um economista sério. Você é um tecnocrata". Como se vê, o pensamento de Conceição Tavares não sai de moda.



De braços meio abertos

MIGRAÇÃO O Brasil é rápido no acolhimento a refugiados, mas não tem uma política consistente de integração

POR FABÍOLA MENDONÇA



JADE RAINHO/SECEL/GOVMT E ROVENA ROSA/ABR

Mohammad Yahya Gholami estava no grupo de afegãos acampado no Aeroporto Internacional de Guarulhos no início deste ano. Gholami deixou a capital Cabul por pertencer à etnia xiita hazara, alvo permanente de perseguição do governo talebã. "Ser um hazara hoje no Afeganistão, se você trabalhou com o governo anterior ou para qualquer organização ou empresa estrangeira, significa ter sua vida em real perigo. Por isso eu não tive outra alternativa a não ser deixar meu país. Escapei para o Irã, onde a minha ideia era estudar, mas, como a situação dos afegãos lá também não é nada boa, já que a gente sofre muito preconceito da população e dos governos locais, achei que no Brasil eu poderia encontrar melhores oportunidades para a minha vida", diz o jovem de 20 anos. Sem emprego e sem dominar a língua portuguesa, Gholami vive atualmente em um abrigo para refugiados mantido por uma ONG no interior de São Paulo. Conseguiu CPF e carteira de trabalho, mas enfrenta dificuldades para encontrar um emprego e voltar a estudar. Por ora, frequenta aulas de Português.

A história de Gholami cruza-se com aquelas de mais de 700 mil refugiados no Brasil, considerado uma das nações mais progressistas no acolhimento de migrantes, mas que peca na oferta de políticas públicas para a permanência desses estrangeiros. Embora não seja a rota principal no fluxo migratório mundial, o País tem sido cada vez mais a porta de entrada para cidadãos de outras nacionalidades, fugitivos de guerras e perseguições religiosa, política e étnica. Segundo o *Refúgio em Números 2024*, documento lançado na quinta-feira 13 pelo Ministério da Justiça em parceria com o Observatório das Migrações Internacionais e a UnB, 406.695 imigrantes solicitaram refúgio entre 2011 e 2023, dos quais 58,6 mil só no ano passado.

O Ministério da Justiça analisou 138,3 mil processos em 2023 e acatou 77 mil.

Encontrar emprego e validar diplomas superiores estão entre os principais entraves

Até dezembro, 143 mil tinham sido reconhecidos como refugiados pelo Conare, crescimento de 117,2% em comparação a 2022. "A gente tem atuado no fortalecimento da capacidade das instituições para atender essa demanda crescente por proteção do Estado brasileiro. Temos desenvolvido sistemas e trabalhado na capacitação dos servidores, na utilização de ferramentas de Inteligência Artificial e de informática. Hoje, todo o processamento é *online*, tanto o pedido quanto a nossa análise e resposta. Isso dá celeridade e transparência ao processo, numa parceria com a sociedade civil e com as universidades", afirma Luana Medeiros, diretora do Departamento de Migrações da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério das Justiça. De acordo com a plataforma DataMigra, 29,4 mil venezuelanos atravessaram a fronteira em

INÊS 249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →



pág. 22
Congresso. Arthur Lira, a todo vapor, vira o rei das pautas-bomba

Relento. Crescem os problemas de integração dos refugiados. A busca por asilo no País aumentou nos últimos anos e os pedidos vêm de um maior número de nacionalidades, mas o País não tem dado conta de absorver as demandas dos recém-chegados



INÊS 249

2023 para escapar da crise no vizinho, enquanto 11,4 mil cubanos pediram asilo. Angolanos, vietnamitas e colombianos também se destacam nas estatísticas. O estado de Roraima registrou o maior fluxo migratório no ano passado, 25,6 mil estrangeiros, seguido por São Paulo, que contabilizou 13,8 mil. Amazonas, Paraná e Acre são as outras portas de entrada utilizadas com maior frequência.

"Até 2010, o Brasil tinha uma migração muito tradicional, histórica e europeia, mas desde 2011 tem recebido o que a gente chama dos novos fluxos do Sul Global. Uma série de fatores geopolíticos ocorreram e trouxeram esses migrantes. O primeiro caso conhecido foi o dos haitianos, que começaram a chegar em 2011. Em dois anos, superaram os portugueses. Depois teve um espalhamento geográfico maior, de diferentes regiões do globo, e, ultimamente, tem se concentrado muito em países da América Latina, como a Venezuela, que encabeça a lista de pedidos de refúgio", destaca Leonardo Cavalcanti, professor da UnB e coordenador do Observatório das Migrações Internacionais.

Signatário da Convenção de Genebra de 1951, o Brasil dá abrigo a todo e qualquer estrangeiro em busca de asilo humanitário, emite documentos e concede aos migrantes o mesmo tratamento dispensado aos brasileiros. "Temos o histórico de sermos propulsores do direito internacional e de obedecermos às regras, mas abrir ou não as portas é uma opção política do Estado. Receber refugiados é uma escolha", diz o advogado Carlos Eduardo de Castro, pesquisador do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes da USP e integrante das Comissões de Direitos Humanos (Migrações) e Diversidade Sexual e de Gênero da OAB São Paulo. Castro ressalta, porém: o País peca por não oferecer estrutura para a permanência dessa população.

ONGs e empresas privadas têm atuado para facilitar a entrada dos refugiados no mercado de trabalho



Rede de proteção. Almeida, do Acnur, e Medeiros, do Ministério da Justiça

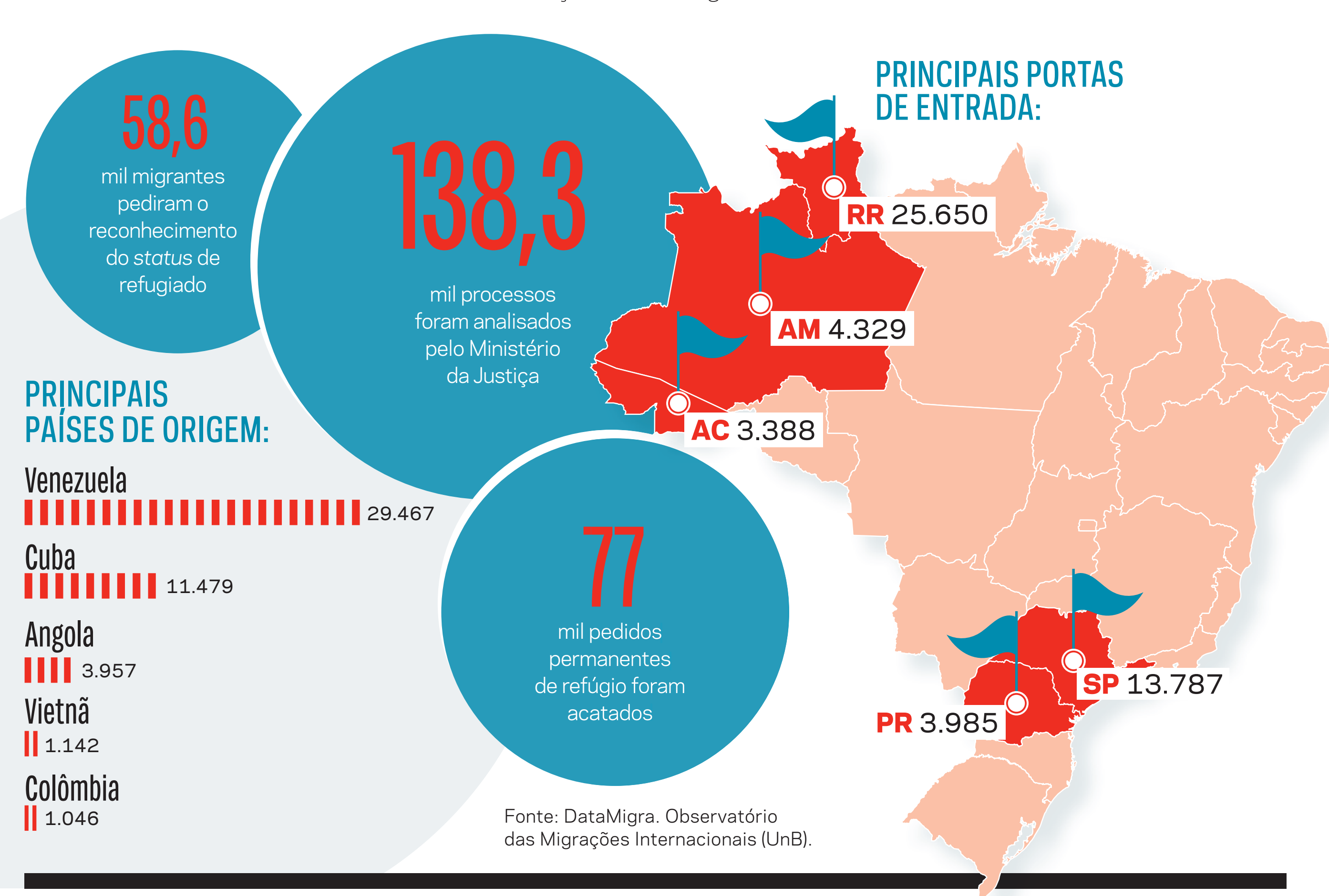
REGINA ASSIS E PEDRO FRANÇA/AG. SENADO

Paulo Sérgio Almeida, oficial de Meios de Vida da Agência da ONU para Refugiados, Acnur, reconhece que o Brasil tem uma política aberta em relação ao acolhimento de refugiados e necessitados de proteção internacional e conta com uma legislação mais avançada do que outros países, mas necessita de uma política pública nacional e específica para atender os solicitantes. "O País evoluiu muito na construção de um marco normativo para acolhimento dos refugiados, mas avançou pouco no acesso às políticas públicas, que ainda são muito fragmentadas. São necessários projetos que sejam adaptados à realidade dos requerentes, para que eles não se tornem invisíveis", defende. "É preciso uma política nacional que estabeleça a forma como os direitos garantidos pela legislação possam se concretizar na prática. A própria lei de imigrações estabelece, no artigo 120, a necessidade de uma política específica, mas ela ainda não veio."

Um dos maiores desafios para a população refugiada no Brasil é a inserção no mercado de trabalho. Embora tenham direito à carteira de trabalho, muitos não conseguem emitir o documento porque não existe mais a versão física, apenas a modalidade digital. "Como é que alguém em situação de refúgio, que não tem dinheiro para comer, vai ter celular para baixar uma carteira digital de trabalho?", pergunta a professora Natália Simões, coordenadora da Clínica de Direitos Humanos do Centro Universitário do Estado do Pará, que atende centenas de migrantes por ano, oriundos de países como Venezuela, Colômbia, Chile e Argentina. Além da documentação, a maioria não fala português, o que amplia as dificuldades. Muitos têm formação superior e até pós-graduação, mas, por falta de oportunidades, terminam por se submeter ao subemprego ou são levados à situação análoga à escravidão, a exemplo dos bolivianos resgatados de uma oficina de costura, em abril de 2023, no interior de São Paulo.

EM BUSCA DE UM PORTO SEGURO

Dados das solicitações de refúgio no Brasil em 2023



Fonte: DataMigra. Observatório das Migrações Internacionais (UnB).

No fim de 2022, o Tribunal Superior do Trabalho criou um grupo técnico para elaborar um programa de combate ao trabalho escravo e tráfico de pessoas e de proteção ao trabalho migrante, dando origem a um comitê nacional dedicado ao tema. "A ideia é que cada um dos núcleos dos tribunais regionais consiga olhar para sua realidade local, pensando no aperfeiçoamento da jurisdição, das barreiras de acesso à Justiça que essa população enfrenta, e olhar para fora, com a formação de uma rede, realização de campanhas e de eventos", explica Gabriela Lenz de Lacerda, juíza-auxiliar da presidência do TST. Segundo Carla Gomes, juíza do TRT da 3ª região em Minas Gerais, a condição de vulnerabilidade de muitos refugiados facilita o trabalho precário. "Muitas vezes eles são intermediados por outros e vão trabalhar em fazendas, plantações de café, de cana-de-açúcar, e têm a retenção dos documentos", denuncia Gomes, autora da tese *Abordagens Etnográficas sobre Pessoas em Situação de Refúgio e Inserção Laboral.*

A ONG Planeta de Todos, que abriga Gholami e outros afegãos, desenvolve programas voltados para a formação e preparação de refugiados para o mercado de trabalho. Além do acolhimento, a entidade, que também atua na Itália e na Grécia, oferece curso de Português e dá orientação de como preparar currículos e até se portar numa entrevista de emprego. "A gente lida com uma população que vem de uma cultura muito diferente, na gastronomia, na música e nas inter-relações. O mercado de trabalho é um grande entrave para eles, que não têm muita noção do que é fazer um currículo, uma carta de motivação, como é enfrentar uma entrevista. Nosso trabalho é fazer com que entendam onde estão, fazendo esse leque de integração social, cultural e laboral. São ferramentas sociais a que eles nunca tiveram acesso", descreve André

Naddeo, diretor-executivo da ONG. O ativista comemora a recente contratação de dois refugiados por uma fábrica de peças automotivas em Ribeirão Preto.

A *fintech* popular Mais Todos iniciou um processo de recrutamento de refugiados para trabalhar na empresa e pretende, no segundo semestre deste ano, contratar de quatro a sete novos funcionários, todos refugiados. "A gente desenvolve um trabalho para entender a vocação deles e o que eles buscam para, então, conseguir conciliar com o interesse da empresa. Acreditamos muito que esse projeto vai ser uma troca muito rica dos dois lados", destaca Vinícius Arruda, vice-presidente da *fintech*.

Natália Simões cita o despreparo das instituições públicas no atendimento a essa população. "A gente recebe muitas queixas de falta de abrigo, que, às vezes, não são suficientes para a quantidade de refugiados. O outro grande problema é a questão do Bolsa Família. Eles fazem o pedido, se cadastram no Centro de Assistência Social, mas, como o protocolo de refúgio é só um número, é comum que, na Caixa Econômica, quando vão dar entrada no pedido, o funcionário não entende que aquele número é um documento, dificultando a liberação do auxílio." Castro salienta: "O problema das políticas públicas também alcança os refugiados, só que para eles a dificuldade é ainda maior, pois há uma barreira linguística grande. Essa falta de política de manutenção e da dignidade dos refugiados é muito triste e leva, às vezes, à desistência de ter o Brasil como destino final". O histórico racista de muitos brasileiros, acrescenta, também afasta. "Um refugiado do Leste Europeu, loiro, de olhos azuis, terá uma vida absolutamente diferente daquela do refugiado que vem dos países da África Subsaariana, do Haiti, de uma população preta. O racismo brasileiro, um dos mais terríveis do mundo, torna conflituosa a relação do refugiado branco e do refugiado não branco."

O governo Lula desenha uma política nacional de integração dos refugiados

O governo Lula promete estabelecer, até o fim do mandato, uma política pública nacional para os migrantes, com atenção especial aos refugiados. "O Brasil é um país com uma população vulnerável muito grande e os migrantes, às vezes, se somam a esse contingente", diz Ana Maria Raietparvar, coordenadora-geral substituta de Promoção dos Direitos das Pessoas Migrantes, Refugiadas e Apátridas do Ministério de Direitos Humanos. No campo da educação, algumas universidades federais oferecem cursos de Língua Portuguesa e outras instituições, como a UnB, suspenderam a taxa cobrada para a revalidação do diploma, queixa frequente dos refugiados com nível superior.

O Ministério de Direitos Humanos acaba de firmar um convênio com a Universidade Federal Fluminense e deve começar, ainda neste ano, a oferecer um curso de especialização *online* para formar professores de Português como língua de acolhimento. Serão 150 vagas em seis polos do Brasil: Roraima, Acre, Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo e João Pessoa. Segundo Raietparvar, a ideia é formar multiplicadores que vão criar pequenos cursos informais para atender a população migrante. O ministério também investe na participação social dessa população. Em abril foi lançado o Fórum Nacional de Lideranças Migrantes, que conta com cerca de 200 representantes, a maioria na condição de refúgio, de mais de 20 nacionalidades. Comemorado em 20 de junho, o Dia do Refugiado deve ser lembrado por diversas organizações da sociedade civil. •



Escravidão. Operação policial que libertou bolivianos de uma fábrica em São Paulo

POLÍCIA CIVIL/GOVSP

MARJORIE MARONA

Professora do Departamento de Ciências Políticas da UFMG. É coautora de *A Política no Banco dos Réus: a Operação Lava Jato e a Erosão da Democracia no Brasil*



Combate ao corporativismo

▶ Os processos disciplinares contra magistrados da Lava Jato são uma oportunidade de o CNJ reforçar a sua credibilidade

Em decisão apertada, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a instauração de processos administrativos disciplinares (PADs) contra quatro magistrados que atuaram na Operação Lava Jato, com base em denúncias de abuso de autoridade, parcialidade, conduta inadequada e enriquecimento ilícito, dentre outras.

Desde a sua criação, em 2004, o CNJ atua na fiscalização e disciplina da magistratura, como parte de suas atribuições de governança judicial. Similar a conselhos de magistratura na América Latina, o CNJ tem competência para supervisionar e regular a atividade judicial. Imerso na dinâmica regional, o conselho enfrenta alguns dos desafios comuns aos semelhantes órgãos de magistratura latino-americanos, particularmente no desempenho de funções de fiscalização e disciplina do Judiciário, com destaque para o corporativismo, na forma de resistência da categoria às ações corretivas.

A instauração dos PADs contra os magistrados da Lava Jato não apenas responde às demandas domésticas por maior controle público sobre a atuação judicial, como também serve de exemplo para conselhos de magistratura na América Latina, evidenciando a necessidade de uma atuação mais eficaz em face dos desafios de legitimidade que o Judiciário enfrenta na região.

A autoridade judicial depende da percepção de legitimidade. Quando há confiança pública no Judiciário, a autoridade é fortalecida e as decisões têm maior aceitação. De forma geral, a confiança da população na Justiça na América Latina é baixa. De acordo com pesquisas do Latinobarômetro, a média de confiança na Justiça latino-americana é de apenas 34%.

Seguindo a tendência regional, os índices de confiança na Justiça brasileira estão abaixo de 35% desde 2004, caindo para 25% em 2016 e subindo levemente para 29% em 2021. A desconfiança no Judiciário é resultado de fatores históricos, políticos, econômicos e sociais que afetam a legitimidade e efetividade do sistema judicial, alimentada pela percepção de corrupção e parcialidade dos magistrados.

A Lava Jato suscitou fundadas preocupações sobre a conduta de alguns magistrados e outros agentes judiciais. Em um contexto em que a baixa confiança no Judiciário é uma realidade, as acusações de abuso de autoridade e parcialidade não podem ser ignoradas pelo CNJ, pois minam a confiança no Judiciário e, consequentemente, a autoridade e a efetividade da Justiça.

A decisão do CNJ de investigar as alegações reforça o compromisso com a integridade da Justiça, contrastando com críticas fundadas de que o conselho é tímido na fiscalização de magistrados. De fato, entre 2005 e 2021, o CNJ instaurou apenas 2.062 PADs, e apenas 20,5% resultaram em algum tipo de penalidade. Vale lembrar que o universo de magistrados no Brasil é de em torno de 18 mil profissionais, distribuídos entre os variados ramos. Ademais, o valor médio das multas aplicadas pelo CNJ, 8.255 reais, é baixo em face da média de rendimentos dos magistrados. Além do salário, juízes recebem benefícios, perfazendo uma remuneração que facilmente pode chegar ao teto remuneratório do serviço público de 39.293,32 reais.

A decisão do CNJ em face das denúncias de abuso dos juízes da Lava Jato tem potencial de alterar sua trajetória institucional e de aprimorar o sistema de Justiça brasileiro, porque sinaliza a disposição para mudança da cultura organizacional corporativista, por meio de uma fiscalização rigorosa e transparente. É fundamental que o CNJ atue com equilíbrio, evitando a percepção de interferência indevida na independência judicial, um princípio igualmente essencial para a democracia.

Os magistrados acusados devem ter direito à defesa e a um julgamento justo, sem dúvida. Contudo, a independência judicial não deve ser um escudo para a impunidade. Cabe ao CNJ assegurar que suas decisões se baseiem em evidências claras e de conformidade com os princípios legais, evitando percepções de retaliação.

A credibilidade do próprio CNJ é vital para a construção de um Judiciário que sirva de exemplo para a cultura democrática nacional e regional. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Em causa própria

PODER Em campanha para emplacar o sucessor na Câmara, Arthur Lira reedita a aliança com o bolsonarismo

POR ANDRÉ BARROCAL

A Polícia Federal encerrou uma investigação sobre Juscelino Filho, ministro das Comunicações, e concluiu que ele aprontou. Agora a Procuradoria-Geral da República decidirá se o denuncia ao Supremo Tribunal Federal por corrupção, lavagem de dinheiro e quadrilha, crimes imputados pela PF. O maior desgaste pela situação recai sobre o presidente Lula, pois o deputado é seu ministro. Os ilícitos atribuídos a Juscelino Filho teriam, porém, sido cometidos por meio de uma estatal durante o governo de Jair Bolsonaro. E com dinheiro de emendas parlamentares, fonte do poder do presidente da Câmara dos Deputados, o alagoano Arthur Lira. Às vésperas de a PF finalizar quatro inquéritos sobre Bolsonaro, Lira une-se aos aliados do capitão por comunhão de interesses, o que transformou a Câmara em uma casa de espetáculos do pior tipo. “Ele vai fazer de tudo para salvar Bolsonaro”, dizia no fundo do plenário, na quarta-feira 12, um conterrâneo do deputado.

Lira quer levar adiante a votação de uma lei que proíbe a delação de presos e permite ao alvo da denúncia tentar impugná-la antes da homologação judicial. Bolsonaro foi delatado pelo ex-ajudante de ordens Mauro César Barbosa Cid, tenente-coronel do Exército preso de maio a setembro de 2023 e solto após um acordo com a PF. O deputado Chiquinho Brazão, do Rio de Janeiro, acusado pela polícia e a Procuradoria de ser um dos mandantes do assassinato de Marielle Franco, também foi delatado por um preso, Ronnie Lessa, PM em cana desde 2019 e autor dos disparos contra a vereadora carioca.

A lei a caminho de votação não anula delações passadas, mas pode criar condições para tanto. Há quem diga, como o deputado Tarcísio Motta, do PSOL do Rio, amigo de Marielle, que Bolsonaro e Brazão teriam a possibilidade de alegar que, quando uma lei beneficia um réu ou acusado, sua aplicação é retroativa. Embora haja quem diga também, caso de Wadih Damous, ex-presidente da OAB do Rio e autor, em 2016, de um Projeto de Lei similar, que proibir delação de preso é matéria de processo penal, não de lei penal. Advogado e deputado pelo PT do Maranhão, Rubens Júnior fareja que as defesas de Cid e Lessa podem desistir dos acordos firmados, caso a lei vingue. Certo é que não faz sentido Lira dar uma força a Bolsonaro sem que tal medida sirva à defesa do capitão. Defesa que terá cada vez mais trabalho. A PF terminará até agosto quatro investigações sobre o ex-presidente, disse na terça-feira 11, em café da manhã com jornalistas, o diretor-geral da corporação, Andrei Rodrigues. São inquéritos sobre cartões fajutos de vacina anti-Covid, comércio de joias, tentativa de golpe de Estado e uso com fins políticos e pessoais da Abin, a Agência Brasileira de Inteligência. A descoberta de uma



BRUNO SPADA/AG. CÂMARA E MAURO PIMENTEL/AFP

Troca. Bolsonaro ganharia rotas de fuga. O presidente da Câmara amealharia votos



Dono do pedaço. Lira coloca sua agenda acima dos interesses nacionais

Na mesa, atalhos para uma futura anistia a Bolsonaro e pautas morais

nova joia nos Estados Unidos e a possibilidade de delação sobre a "Abin paralela" esquentam a reta final das apurações.

Policiais estiveram, entre abril e maio, nos EUA em busca de pistas e provas sobre o comércio de joias, ação em parceria com o FBI, e identificaram a nova peça pertencente, em tese, ao Brasil e que teria sido objeto de negociação por interesse de Bolsonaro. A descoberta "robustece a investigação", conforme Rodrigues, e reforça a tese do "crime continuado", segundo Ricardo Saadi, diretor de Investigação e Combate ao Crime Organizado e à Corrupção. "Crime continuado" é quando alguém comete o mesmo ilícito duas ou mais vezes. E pesa no aumento de uma eventual pena. O esquema das joias tem três ilícitos potenciais: peculato, lavagem e organização criminosa.

Até então, a PF tinha certeza e detalhes sobre dois conjuntos de joias embolsados pelo capitão e devolvidos após revelações da mídia. Um *kit rosé* e um "ouro branco". O primeiro estava, segundo os investigadores, no avião da FAB que levou Bolsonaro aos EUA em 30 de dezembro de 2022, antevéspera da posse de Lula. Homens da confiança do capitão tentaram vendê-lo em 8 de fevereiro do ano passado, por 120 mil dólares, por intermédio de uma empresa de Nova York. O leilão *online* fracassou. O *kit* "ouro branco" chegou a ser parcialmente vendido por Cid, em junho de 2022, na cidade de Willow Grove, por 68 mil dólares. A grana ficou na conta do

pai de Cid, um general amigo de Bolsonaro. A entrada da família na mira da PF contribuiu para o tenente-coronel delatar.

No caso da "Abin paralela", a delação "está em fase de discussão interna (PF) e com possíveis colaboradores", segundo Rodrigues. Os candidatos a alcaguetes são, possivelmente, dois servidores da agência presos preventivamente em outubro passado: Eduardo Arthur Izicki e Rodrigo Colli, alvos de um processo administrativo na Abin por tentarem fazer negócios com o governo Temer via laranjas. Para escapar de punição, teriam ameaçado revelar o uso ilegal, pelas gestões Temer e Bolsonaro, de uma ferramenta espiã. Esta é uma peça de arapongagem que teria sido armada pelo vereador Carlos Bolsonaro, filho de Jair, e Alexandre Ramagem, diretor da agência durante o mandato do capitão e atual deputado pelo Rio. Os crimes em questão são interceptação de comunicações sem aval judicial, invasão de dispositivo de informática e organização criminosa.

As conclusões da PF sobre os inquéritos a envolver Bolsonaro serão enviadas ao procurador-geral da República, Paulo Gonet Branco, que as examinará e decidirá se acusa o capitão ao Supremo. O País estará às vésperas ou no início da eleição municipal (a campanha começa em 16 de agosto). O PT não deixará de explorar a enrascada do capitão em disputas a prefeito de São Paulo, diz o deputado paulista e petista Rui Falcão. Lula e o PT apoiam Guilherme Boulos, do PSOL, contra o bolsonarista envergonhado Ricardo Nunes, do MDB, que tentará a reeleição.

Ser formalmente acusado à Justiça afetará o capital político de Bolsonaro? O eleitor raiz do capitão acredita que ele é "perseguido" pela mídia e o STF, conforme pesquisa qualitativa conduzida por Esther Solano, Camila Rocha e Thais Pavez (*reportagem à página 30*). "Ainda que Bolsonaro perca parte de seu apelo, o bolsonarismo não depende de sua liderança. Todos os entrevistados reconhecem que já existem outros quadros que podem conduzir o seu projeto político, basta que sinalizem sua adesão enfática aos 'princípios bolsonaristas'", escreveu Camila Rocha, em 9 de junho, no portal UOL.



A PF prepara a conclusão de quatro inquéritos em curso contra o ex-presidente

Conservadorismo moral é um desses princípios, por esse motivo Lira comandou a aprovação, na quarta-feira 13, de um pedido de urgência para o plenário examinar uma lei que impõe ao aborto penas iguais àquelas de homicídio. Pelo Código Penal, um aborto prevê prisão de um a três anos para a mulher e de até dez anos para o médico. Em caso de risco de vida para a gestante ou de ser uma gravidez resultante de estupro, não há punição. A lei pronta para ser votada aplica a tais situações sentenças de seis a 20 anos, na hipótese de o aborto ser feito com 22 semanas ou mais de gestação. "Querem usar isso no processo eleitoral de 2024, é manipulação da legítima fé do povo brasileiro", diz Motta.

Significaria equiparar uma menina de 18 anos vítima de estupro e que aborta ao deputado Chiquinho Brazão, acusado ser um dos mandantes do assassinato de Marielle Franco. Na terça-feira 18, o Supremo decide se converte o parlamentar em réu. Caso o torne, será ainda mais difícil Brazão escapar da degola pelos pares. O Conselho de Ética da Câmara tem um processo de cassação do mandato por quebra de decoro. Na quarta-feira 12, a relatora, deputada Jack Rocha, do PT capixaba, adiou a entrega de um plano



Gato e rato. Rodrigues, da PF, promete concluir quatro inquéritos contra Bolsonaro. Amaral aproxima-se de Lira. Brazão está encalacrado

de trabalho, justamente à espera do julgamento do Supremo. Em 7 de junho, o juiz Alexandre de Moraes, relator do processo contra Brazão no STF, autorizou a divulgação de parte do vídeo do depoimento do delator Lessa à PF, no qual o PM conta o que sabe. Tem em torno de três horas e meia, disponível na internet. Conteúdo bem mais contundente perante a opinião pública do que papéis.

Brazão está preso preventivamente desde março. Em abril, a Câmara decidiu se concordava com a prisão. Referendou, por 277 votos, 20 acima do necessário, a 129. A votação expôs uma grande aliança entre Lira, o bolsonarismo e o miliciano Brazão. Aliança que, da parte do chefe da Câmara, busca recompensa na forma da eleição de seu sucessor. Um dos votos contra a prisão foi do baiano Elmar Nascimento, líder do União Brasil, nome que, hoje, Lira quer para sucedê-lo em fevereiro de 2025. Outro voto a favor



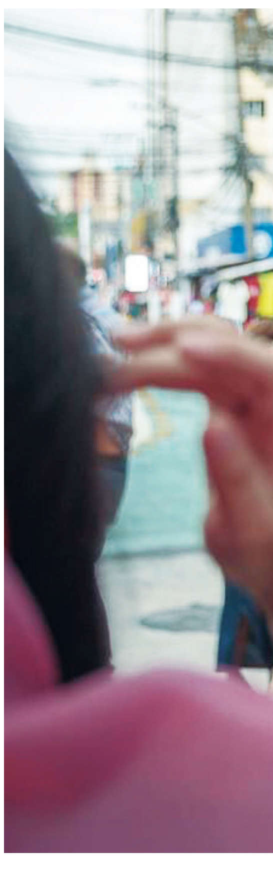
ZECA RIBEIRO/AG. CÂMARA, GILMAR FELIX/AG. CÂMARA E JOÉDSON ALVES/ABR

da libertação foi o de Luciano Amaral, líder do PV, conterrâneo de Lira e autor de uma lei antidelação, apresentada em setembro de 2023, dias após a homologação do acordo de Mauro Cid. No fim de maio, Amaral propôs urgência ao projeto. O pedido foi endossado por Nascimento e pelos líderes do PL (sigla de Bolsonaro), Altineu Cortes, do Solidariedade, Áureo Ribeiro, do MDB, Isnaldo Bulhões, e do Podemos, Romero Rodrigues.

Amaral, de 37 anos, é novato em Brasília. Não havia disputado eleição até 2022, quando se elegeu como o terceiro mais votado em Alagoas. Sua trajetória no estado não se liga a Lira. Foi diretor-financeiro da Assembleia Legislativa quando a casa e o governo estavam em mãos tucanas (de 2007 a 2015). Aproximou-se em seguida de um político, o deputado estadual Marcelo Victor, colaborador do ex-governador Renan Filho, hoje ministro dos Transportes, e do atual, Paulo Dantas, ambos do MDB. É este, aliás, desde 2022, o partido de Victor, no comando da Assembleia desde 2019. Uma operação da PF em outubro de 2022 confiscou 146 mil reais com Victor em uma mala que continha "santinhos" de Amaral. O senador Renan Calheiros dizia que a PF atuava naquele ano em Alagoas para prejudicar a reeleição de Dantas e, por tabela, favorecer Lira.

Uma vez em Brasília, Amaral parece, digamos, flertar com Lira. Em agosto passado, chegou a vice-presidente da Comissão Mista de Orçamento, cargo que não alcançaria sem a bênção do chefão da Câmara. Lira, diz um deputado conterrâneo, vai fazer de tudo para eleger o sucessor, pois só assim terá como manter força e influência. Transformar a Câmara em um show de horrores faz parte desse plano. •

INÊS 249



De volta ao berço

ELEIÇÕES A estratégia do PT para retomar o "cinturão vermelho" na Grande São Paulo

POR MARIANA SERAFINI

Um dos desafios do PT nas eleições deste ano é reconquistar o eleitorado do ABC paulista e de outros municípios estratégicos no entorno da capital. A hegemonia no chamado "cinturão vermelho" foi interrompida em 2016, quando o partido perdeu mais da metade das prefeituras que controlava, uma debacle embalada pelo lavajatismo e pela deposição de Dilma Rousseff. A estratégia, agora, é apostar na mesma fórmula que garantiu a vitória de Lula em 2022, com Geraldo Alckmin como vice: buscar alianças amplas, não restritas às legendas do campo progressista. Entre as prioridades está São Bernardo do Campo, antigo polo industrial e berço político do presidente Lula, onde ele vivia até 2022, quando precisou arrumar as malas para voltar a ocupar o Palácio do Planalto no início do ano seguinte.

Pré-candidato à prefeitura de São Bernardo, o deputado estadual Luiz Fernando Teixeira acredita haver um desejo de mudança no ar, após oito anos de governo de Orlando Morando, do PSDB. "Unimos forças de campos políticos diferentes para retomar a cidade que tem sido muito prejudicada com o desmonte de políticas públicas e a desindustrialização", comenta Teixeira. A exemplo de Lula na disputa pelo terceiro mandato, o petista disputará a eleição deste ano com um antigo adversário político no posto de vice, o ex-prefeito William Dib, do PSB. "Ele nos derrotou em duas eleições, depois nós o derrotamos. É do jogo. As diferenças são menores que os objetivos em comum."

Com a bênção de Alckmin e do ministro do Empreendedorismo, Márcio França, a chapa foi articulada por Luiz Marinho, ministro do Trabalho e prefeito da





Pré-candidatos. Luiz Fernando Teixeira disputa São Bernardo, Emídio de Souza busca retornar à prefeitura de Osasco e Bete Siraque se lança em Santo André

REDES SOCIAIS E FER FERSAN

cidade por dois mandatos. "O Marinho e o Dib já foram adversários ferrenhos. O que nos uniu é a necessidade de estancar a crise na cidade, que vem sofrendo com a fuga de grandes empresas", diz Teixeira, em alusão ao fechamento da fábrica da Ford e à transferência da Toyota para o interior paulista. "Estamos vendo o empobrecimento da população, o comércio fechando, e acreditamos que São Bernardo tem um imenso potencial para voltar a ser uma das maiores economias do País."

Antigo polo da indústria automobilística, a cidade sofre com um processo de desindustrialização iniciado nos anos 1990, mas que se intensificou na última década. Esse processo enfraqueceu os sindicatos dos metalúrgicos e de outras categorias profissionais, que no fim da década de 1970 foram protagonistas da luta dos trabalhadores contra a ditadura. Apesar disso, o pré-candidato garante que os sindicalistas seguem mobilizados e terão papel fundamental na campanha petista. O desafio, segundo o ministro Marinho explica, é ampliar a capilaridade do PT no setor de serviços, buscando maior proximidade com trabalhadores de aplicativos. "É um novo momento do mundo do trabalho, as atividades econômicas estão mais diversas e nós também precisamos apresentar propostas para a nova classe trabalhadora."

Dos sete municípios do Grande ABC – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra – o PT chegou a governar cinco simultaneamente no auge do primeiro mandato de Lula. Hoje controla apenas as cidades de Diadema e Mauá, onde os prefeitos José de Filippi Júnior e Marcelo Oliveira, respectivamente, disputam a reeleição.

> O partido busca alianças amplas e inspira-se no sucesso da dupla Lula-Alckmin no pleito de 2022

Pré-candidata à prefeitura de Santo André, a professora Bete Siraque conta com a presença de Lula e seus ministros em seu palanque. "A deputada Gleisi Hoffmann, presidente do PT, já veio aqui e garantiu apoio. Há pouco tempo, recebemos também o ex-ministro José Dirceu. É notório que o partido está empenhado em recuperar a hegemonia na re-

gião", avalia. Ex-vereadora e ex-secretária-adjunta de Educação, Siraque estende o convite à primeira-dama Janja. "Ela fez uma reunião com todas as pré-candidatas do Brasil e garantiu que estará presente para potencializar essas candidaturas." A chapa ainda não foi definida, mas a aliança conta com PCdoB, PV, PSOL, Rede e PDT.

O PT chegou a governar cinco das sete cidades do Grande ABC simultaneamente. Hoje, controla só Diadema e Mauá

Segundo Marinho, uma das prioridades do PT é voltar a fincar raízes no território paulista. "Passamos esse último período buscando lideranças que tivessem maior expressão para liderar cada chapa, mas tendo clareza de que o ideal é buscar composições mais amplas." Nas cidades onde o PT não tiver quadros de relevo, a ideia é apoiar aliados e focar no Legislativo. "Podemos crescer muito no estado. Devemos ampliar não apenas o número de prefeituras, mas também a nossa presença nas Câmaras Municipais."

O deputado federal Kiko Celeguim, presidente do diretório estadual do PT, avalia que o partido tem grandes chances de recuperar as prefeituras de São Bernardo do Campo e Osasco, na Região Metropolitana, onde o pré-candidato é o deputado estadual Emídio de Souza, que foi prefeito por dois mandatos e elegeu seu sucessor. Em Mauá e Diadema, busca-se a reeleição dos prefeitos petistas e a ampliação do número de vereadores. Em Santo André, procura-se ao menos levar a disputa para o segundo turno, além de fortalecer os laços políticos. Em Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires, o partido está disposto a apoiar candidatos de agremiações aliadas. O PT jamais governou São Caetano do Sul e pretende apostar em uma candidatura ideológica, de um sindicalista. "Nossas candidaturas mesclam nomes já experientes, como é o caso de Emídio, e quadros novos, que chegam com o apoio dos antigos para ganhar solidez, como o Luiz Fernando."

Na avaliação de Celeguim, são muitos os fatores que fizeram o partido perder hegemonia na região. Primeiro, houve o estrago provocado pela Lava Jato. Depois, a instabilidade política que culminou no *impeachment* de Dilma. Mas o deputado também aponta um processo de renovação geracional dentro do PT. "Quem chega agora não tem a mesma densidade eleitoral de quem já está estabelecido no cenário político. Para ganhar essa densidade, é preciso passar por testes eleitorais." No caso de São Bernardo do Campo, por exemplo, ele acredita que o apoio de Marinho será decisivo. "Quando o eleitorado souber que Luiz Fernando representa a continuidade do trabalho desenvolvido pelo ministro na cidade, muda a expectativa. Nas eleições de 2022, o PT teve bom desempenho na cidade. Haddad e Lula receberam muito mais votos do que Tarcísio de Freitas e Jair Bolsonaro."

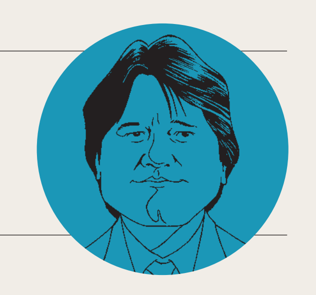
Na disputa pela prefeitura de Osasco, Emídio de Souza explica que, além de reproduzir a estratégia da aliança "Lula-Alckmin", o partido também deve apresentar programas de governo focados em soluções modernas, cidades inteligentes e reestatização de serviços que foram privatizados. "Trata-se de cidades que nós já governamos, onde temos tradição e legado. Mas isso não basta, porque a disputa política é muito dinâmica. Sabemos que é hora de apresentar novas propostas, um programa de governo capaz de atender às demandas da população." A retomada do "cinturão vermelho", acrescenta o pré-candidato, também é importante para "sedimentar o caminho de uma futura disputa presidencial de Lula em 2026". •



São Paulo. Marinho projeta crescimento do número de prefeitos e vereadores no estado

REDES SOCIAIS

PEDRO SERRANO
Advogado e professor de Direito Constitucional da PUC de São Paulo, é autor, entre outros, de *Autoritarismo e Golpes na América Latina* (Alameda Editorial)



Escolha de Sofia

▶ O golpe de Estado é o mais violento crime político em qualquer democracia, não deveria ser perdoado. Por outro lado, o STF não poderia reputar inconstitucional a concessão de anistia

O Supremo Tribunal Federal está responsabilizando, mediante observância do devido processo legal e aplicação da lei penal, aqueles que atacaram as instituições democráticas e o próprio sistema de direitos no fatídico 8 de janeiro de 2023. Referidos atos golpistas não podem ser encarados como mera deterioração de bens públicos. As provas são abundantes no sentido de demonstrar a intenção de depor um governo legitimamente constituído e abolir o Estado Democrático de Direito.

Nossa democracia e os símbolos dos poderes constituídos da República foram, sem precedentes na nossa história, desafiados. Atos de violência visaram implementar um golpe e isso não pode ser objeto de anistia. A invasão e a destruição dos prédios que simbolizam os Poderes de Estado, com a intenção de promover intervenção militar e depor o governo eleito, atentaram contra a própria existência da democracia constitucional brasileira, e isso não pode ser subestimado. Tivessem os bolsonaristas logrado êxito no deliberado propósito golpista, o sistema de Justiça e a proteção dos direitos fundamentais teriam se esfacelado, o que revela a gravidade e a reprovabilidade das condutas.

No Direito Penal, costuma-se apontar a dupla função da pena. Em primeiro lugar, a imposição de sanções criminais é encarada como retribuição à prática de condutas socialmente reprovadas e tipificadas em lei como tal. Em segundo lugar, possui função preventiva, pois, em sua dimensão social, desempenha o efeito pedagógico de reafirmar os valores civilizatórios e inibir comportamentos indesejáveis.

É por essas razões que as condutas devem ser rigorosamente sancionadas nos termos da lei, impondo-se a devida responsabilização aos executores e, com maior severidade, aos mandantes e financiadores dos atos golpistas. A intentona golpista de 8 de janeiro de 2023 é, certamente, o maior ato de agressão à democracia brasileira desde a redemocratização da década de 1980. O golpe de Estado é o mais violento crime político em uma democracia constitucional. No plano constitucional, a responsabilização criminal deve ser suficientemente intensa para dissuadir qualquer nova manifestação dessa natureza. Consequentemente, não há que se falar na concessão de anistia.

A anistia não deve ser concedida em nenhuma hipótese, na medida em que representaria uma espécie de alvará para a violência como prática da ação política no Brasil. Ademais, esse perdão seria ainda mais indesejável se concedido antes que o Supremo Tribunal Federal conclua o julgamento de tais crimes, sob pena de haver grave e indesejável estímulo ao golpismo.

É preciso deixar para a história o recado contundente de que esse tipo de manifestação autoritária jamais será admitido, ao passo que a anistia, em vez de ensejar uma suposta pacificação nacional, acirraria ainda mais a vivenciada polarização. Não se pode, por óbvio, obstar o debate público no sentido da anistia. Entretanto, é preciso desconstituir a falácia de que ela seria capaz de promover uma suposta reconciliação.

De todo modo, caso os poderes constituídos venham conceder a anistia, entendemos que não deveria o Supremo Tribunal Federal reputá-la inconstitucional. Seria importante o exercício da autocontenção diante do exercício da competência constitucionalmente atribuída.

Nossa Constituição prevê como insuscetíveis de anistia os crimes de tortura, tráfico de drogas, terrorismo e os definidos como hediondos, ao passo que a grande maioria dos processos relativos à intentona golpista são relativos aos crimes de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, dano qualificado, deterioração do patrimônio tombado e associação criminosa.

Especificamente com relação ao crime de terrorismo, rememoremos que o nosso sistema penal adotou um enquadramento estrito ao exigir, para a sua configuração, a prática de atos típicos com a finalidade de provocar, por exemplo, o terror social ou generalizado, o que não restou configurado na intentona golpista.

Nesses termos, caso os poderes constituídos da República exerçam a legítima prerrogativa constitucional, a concessão da anistia não deveria ser desconstituída pelo STF. De todo modo, consignemos que, ao contrário de suposta pacificação, a concessão de anistia geraria o indesejável efeito de fomentar a tolerância com o golpismo. Não pode haver concessões quando está em risco o próprio sistema de direitos. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Mito inelegível

2026 Pesquisa aponta os preferidos dos eleitores bolsonaristas para substituir o capitão na próxima corrida presidencial

POR RODRIGO MARTINS

Entre os devotos de Jair Bolsonaro, nada mudou desde que o ex-presidente foi declarado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral, em junho de 2023. Não importa o que aconteça, eles seguem "fechados com o capitão" e estão convictos de que o "Mito" é perseguido pela esquerda, pela mídia, pelo STF e pelo sistema político em geral. Um infame complô para afastá-lo da cena pública, repetem, em uníssono, os eleitores consultados em uma pesquisa da Fundação Friedrich Ebert no Brasil, intitulada "Bolsonarismo sem Bolsonaro".

A constatação não chega a surpreender. Depois de quatro anos de "guerra cultural" e frequentes embates com o Judiciário, era de se esperar que os bolsonaristas alimentassem teorias conspiratórias para justificar os pecados do "Mito". O estudo traz, porém, pistas importantes sobre quem os bolsonaristas identificam como sucessores de Bolsonaro e o que esperam dos candidatos apoiados pelo capitão nas eleições municipais deste ano.

A pesquisa qualitativa ouviu, entre fevereiro e março deste ano, homens e mulheres que declararam voto em Bolsonaro no primeiro e no segundo turno das eleições de 2022. As entrevistas foram realizadas de forma remota, pelo Google Meets, e conduzidas em minigrupos focais nas três principais capitais do Sudeste, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Não há dúvida, no conjunto dos entrevistados, de que Bolsonaro continua a ser a principal liderança da direita, o que estaria demonstrado pela grande quantidade de pessoas que ele é capaz de reunir em manifestações e atos públicos. "Para eles, o carisma do ex-presidente segue intacto, ao passo que o de Lula estaria em declínio", observa Thais Pavez, doutora em Ciência Política pela USP e uma das autoras da pesquisa, desenvolvida em parceria com Camila Rocha, pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e a socióloga Esther Solano, professora da Unifesp.

Tal percepção está bastante consolidada entre os bolsonaristas, como sugerem diversos depoimentos coletados. "Quando Bolsonaro está em algum lugar, a massa toda vai atrás dele. Quando Lula faz qualquer coisa, a gente viu aí, no 7 de setembro, estava lá ele, a esposa e meia dúzia de gatos-pingados", afirmou uma conservadora eleitora de São Paulo, de 48 anos.

> "Eles têm pavor de traições, desconfiam de qualquer candidato que não vista a camisa do bolsonarismo raiz", observa pesquisadora da Fundação Friedrich Ebert no Brasil

O bolsonarismo não depende, porém, exclusivamente da liderança do capitão. Outros políticos poderiam dar continuidade ao seu projeto, avaliam os entrevistados. Em uma hipotética prisão de Bolsonaro, seus seguidores acreditam que ele continuaria a ter voz ativa. Alguns até consideram repensar o apoio ao ex-presidente, caso ele venha a ser condenado, mas não abrem mão de votar em um candidato do mesmo campo político. "Se o caso for comprovado e ele for preso, por mais que eu goste dele, eu ia votar em outro, mas que seja da direita", resumiu uma eleitora de Belo Horizonte de 34 anos.

Diante da impossibilidade de Bolsonaro disputar as eleições de 2026, o governador paulista Tarcísio de Freitas, do Republicanos, desperta entusiasmo entre os bolsonaristas, mesmo entre os moradores de outros estados. "Não sei muito bem, mas acredito que ele esteja fazendo um bom governo, as pessoas têm elogiado o governo dele", diz outra moradora da capital mineira, também de 48 anos. A percepção é de um bom desempenho de Tarcísio na área de segurança pública, tema particularmente sensível para os habitantes do Rio de Janeiro. "Eu gostei do que ele tá fazendo, tá batendo de frente com o PCC, isso é uma coisa que ninguém tinha visto", emenda um carioca de 38 anos.

Há, porém, quem suspeite de que o governador paulista possa "trair" o capitão após chegar ao poder. "Eu não acho que ele vire um sucessor do Bolsonaro, não. Se a casa começar a cair, ele dá para trás. Ele dá para trás, porque o Tarcísio era do PSDB antes, né?", comenta uma ressabiada eleitora conservadora de 44 anos. Na verdade, Tarcísio jamais foi filiado ao PSDB. O que assombra os bolsonaristas é



Apostas. Tarcísio é visto como o mais preparado e Nikolas, como mais confiável. Já Michelle seria "frágil" e conduzida pelo marido

REDES SOCIAIS/PL, PABLO VALADARES/AG. CÂMARA E ARQUIVO/SECOVI-SP

o temor de que ele se volte contra o padrinho político, a exemplo do ocorrido com o ex-governador tucano João Doria. "Eles têm pavor de traições, desconfiam de qualquer candidato que não vista a camisa do bolsonarismo raiz", observa Pavez.

Nesse quesito, o deputado federal Nikolas Ferreira é visto como mais confiável por sua histriônica batalha contra a "ideologia de gênero" nas escolas. "Ele é um cara cristão. Ele traz tudo às claras, entendeu? Ele é novo, mas é um cara que entende muito", avalia uma paulistana de 39 anos. Pesa, porém, a falta de experiência. "O Nikolas é uma criança ainda dentro da política", pondera uma eleitora de 31 anos, moradora de Belo Horizonte.

Michelle Bolsonaro, por sua vez, mobiliza o eleitorado feminino, mas é tida como alguém que não tem voz própria e seria conduzida pelo marido. "Eu ainda aposto mais no Nikolas do que na Michelle. Por quê? Infelizmente, porque ele é homem. Eu acho que ainda tem muito machismo. A mulher é sempre tachada. As pessoas começam a julgar o lado pessoal. E a gente é mais frágil nisso", avalia uma moradora de São Paulo de 44 anos.

Em relação às eleições municipais deste ano, os entrevistados confirmaram a disposição de votar no candidato apoiado por Bolsonaro, mas enfatizaram que a "defesa dos valores" será o critério central para a definição do voto. "Eu sou contra o aborto, tenho uma fé, Jesus criou homem e mulher, então é importante, porque é algo em que acredito", diz uma paulistana de 39 anos. Em São Paulo, o prefeito Ricardo Nunes, candidato à reeleição pelo MDB, é visto com desconfiança justamente pela tibieza na defesa das crenças do grupo. "Não sei se ele é 100% Bolsonaro. Nunes não vai dar a cara a tapa pelos valores nem por Bolsonaro", diz uma paulistana de 44 anos.

Já no Rio de Janeiro a desilusão impera. "Eu votei no Witzel achando que ia mudar e ele não fez nada. E a gente para e pensa, não é questão de ter o apoio de Bolsonaro, mas será que ele vai fazer o que tem de fazer ou vai ser corrompido como o Witzel?", indaga um desapontado eleitor bolsonarista de 37 anos. "Espero que quem vier, venha para ajudar e tentar esquecer essa coisa de corrupção, foram cinco governadores presos." •

Catracas removidas

TRANSPORTE COLETIVO A Tarifa Zero também é uma eficaz política de desenvolvimento e segurança pública

POR WASHINGTON QUAQUÁ E JILMAR TATTO*

Avança no mundo e precisa crescer no Brasil a visão da relevância do transporte público gratuito no combate ao aquecimento global, no desenvolvimento econômico justo, na qualidade de vida da população e na mobilidade social. A situação dramática das periferias das metrópoles e as experiências bem-sucedidas de cidades pioneiras na adoção efetiva da Tarifa Zero nos estimulam a propor a inclusão dessa política entre as prioridades da terceira gestão do presidente Lula. O impacto na economia e na vida social seria tão grande como o de programas exitosos dos governos liderados pelo PT, como o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida.

O governo federal tem instrumentos suficientes de regulação, de articulação política e de financiamento para transformar o transporte gratuito em uma agenda contemporânea de reestruturação da economia, de enfrentamento corajoso das mudanças climáticas e de construção de um mercado de consumo tão grandioso como o nosso país continental.

A promiscuidade no relacionamento de empresas de ônibus com gestores públicos abriu para a política muitas páginas no noticiário policial. A ganância no setor de transportes passou também a atrair e fortalecer o crime organizado. A Tarifa Zero surge como uma ação que garantirá ao Poder Público o controle sobre o sistema, evitando a infiltração de esquemas ilegais e valorizando a ordem pública. Consequentemente, tornará mais seguro o deslocamento dos cidadãos. A gratuidade terá, assim, a propriedade adicional de se tornar uma ação de contenção do crime organizado, que há muito atua no sistema de transporte alternativo. Com ônibus legalizados e de graça à disposição, os trabalhadores brasileiros não precisarão mais se sujeitar à rotina sofrida em vans e ônibus de empresas obscuras.

A Tarifa Zero como política pública de âmbito nacional produziria impactos significativos na economia. De acordo com o IBGE, as famílias brasileiras gastam, em média, 17% de sua renda com transporte. O fardo pesado das tarifas limita a mobilidade social dos trabalhadores e das trabalhadoras. Sua eliminação liberaria recursos de toda a família para alimentação, educação, saúde e consumo em geral. Turbinaria o comércio e reduziria a pobreza. Foi o que ocorreu em cidades como Maricá, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Sem essa despesa, a renda das famílias mais pobres pode crescer até 4%, revela um estudo do Banco Mundial



Maricá foi o primeiro município com mais de 100 mil habitantes que adotou a Tarifa Zero em todo o seu território. Como consequência, experimentou um crescimento dos níveis de emprego e na pujança no comércio local. A experiência exitosa tem atraído o interesse de estudiosos e gestores de vários estados e até de outros países, tanto pelo efeito positivo que produziu sobre o comércio quanto pelo po-



EPT/PREFEITURA DE MARICÁ

Proteção. Com ônibus legalizados e gratuitos, os trabalhadores não precisarão mais recorrer às vans clandestinas do crime organizado

tencial de descarbonização do sistema de ônibus. Gratuito e com qualidade, o transporte público passará a ser bem mais atraente para grande parte das pessoas que hoje usam veículos individuais, como motos e carros particulares, mais poluentes.

Estudo do Banco Mundial indica que a redução dos gastos com transporte elevaria em até 4% a renda disponível das famílias mais pobres. Esse contingente enorme da população passaria a destinar esses recursos para consumir produtos e serviços locais, gerando empregos. O potencial dessa pauta desenvolvimentista já foi percebido por gestores de quase cem municípios no País, dos mais diversos espectros ideológicos, inclusive os de centro-direita. É o que comprova seu caráter de política de Estado, não de ideologia. Falta o governo federal abraçar a ideia e incluí-la definitivamente entre as reformas econômicas que começam a transformar o Brasil.

Menos carros nas ruas significa menos congestionamentos e menos emissões de poluentes atmosféricos. O Ministério do Meio Ambiente indica que o setor de transporte emite 47% do dióxido de carbono no País. A redução do tráfego permitiria viagens mais rápidas e menos estressantes para os passageiros, tornando as cidades mais atraentes, amigáveis e dinâmicas. Um grande e ambicioso pacote de mudanças no sistema de transporte nos grandes centros não pode deixar de incorporar a transição energética como meta, com a eletrificação ou mesmo a adoção do gás natural como combustível principal. São bandeiras estratégicas, do ponto de vista da diplomacia do clima, para o País que vai sediar a COP 30, centrada na transição energética, 23 anos depois de receber líderes políticos e ativistas de todo o mundo para começar a grande batalha contra o aquecimento global.

É hora de o governo Lula considerar essa proposta não apenas como benefício para os mais vulneráveis, mas também como um investimento no futuro sustentável e inclusivo de nossas cidades, bem como na segurança pública. Será um passo a mais em direção a um Brasil mais justo, seguro, sustentável e financeiramente equilibrado. •

**Deputados federais pelo PT do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.*

INÊS 249



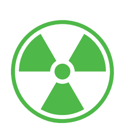
Garrote no pescoço

TRIBUTOS Pressão empresarial para revogar MP que limita uso de créditos de PIS/Cofins oculta motivações inconfessáveis

POR CARLOS DRUMMOND

INÊS 249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →



pág. 38

Energia nuclear. Gestão eficiente e controle dos rejeitos radioativos garantem a segurança da operação



Farpas. Haddad diz não ter um "plano B". Já o empresário Rubens Ometto, um dos dez mais ricos do País, esbravejou contra a "fúria arrecadatória" do governo Lula

REDES SOCIAIS/COSAN E MARCELO CAMARGO/ABR

O laço dos setores produtivos, encabeçados pelo agronegócio, aperta a cada dia em torno do governo e fica claro que ao menos parte das reivindicações visa manter injustiças, e até ilegalidades, com prejuízo para as parcelas mais frágeis da sociedade. Um exemplo desse processo de asfixia foi a mobilização rápida e implacável de entidades empresariais para derrubar a Medida Provisória 1227, que buscava preencher o buraco na receita tributária provocado pela desoneração de 17 setores da economia e durou apenas oito dias. Na terça-feira 11, o presidente da Confederação Nacional da Agricultura, João Martins, anunciou em entrevista coletiva o sepultamento da MP. Em segundo lugar, falou o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Antonio Alban. O dirigente da CNI abandonara a comitiva governamental em visita à China para retornar às pressas ao País na sexta-feira 7 e combater a iniciativa.

Restou ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, declarar a devolução da medida ao governo. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que não existe um plano B pronto. Os técnicos da pasta estão à disposição do Senado para buscar uma solução e ainda que está em análise o combate ao uso fraudulento de créditos de PIS/Cofins.

Os antecedentes da mais nova derrota do governo envolveram falas ásperas de lado a lado. Coube ao empresário Rubens Ometto chutar a porta, em discurso durante encontro de empresários no Guarujá, no sábado 8. Presidente do Conselho de Administração da Cosan, conglomerado com negócios nos setores de açúcar, álcool, energia, lubrificantes e logística, um dos dez maiores bilionários brasileiros no *ranking* da revista *Forbes*, Ometto mirou a "fúria arrecadatória" da Fazenda e não contemporizou. Criticou o arcabouço fiscal e partiu para cima do governo: "Soltam normas para te morder, para te autuar. Isso aconteceu com a mudança na regra do Carf, com a mudança no aproveitamento do ágio de aquisições, mudança no crédito presumido do IPI e com a mudança no crédito do PIS/Cofins que saiu nesta semana", disparou o empresário, sob aplausos.

Dario Durigan, secretário-executivo da Fazenda, e Aloizio Mercadante, presidente do BNDES, contra-atacaram. "Tem político que gosta de palco, mas agora é empresário que está precisando descer do palanque", ironizou Mercadante. Durigan lembrou que a Fazenda tenta apenas acertar "contas extras criadas no Congresso".

> **A Medida Provisória buscava recuperar 20 bilhões de reais suprimidos da arrecadação federal**

Segundo a Fazenda, a MP visava, além de compensar a prorrogação da desoneração da folha de pagamento dos setores envolvidos, corrigir uma distorção na sistemática do PIS/Cofins. O desvirtuamento consiste em afastar a tributação de algumas empresas e, em alguns casos, isso gerou uma situação de tributação negativa, na qual o governo passava a ser devedor. "Em casos remanescentes identificados pela Receita Federal, as empresas não só não pagam, como recebem como se fosse uma subvenção do governo brasileiro em dinheiro, no ressarcimento desses créditos, que representam 20 bilhões de reais", explicou o secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas, em entrevista coletiva.

Em relação ao PIS/Cofins, disse o secretário, o contribuinte calcula o débito sobre o valor do seu faturamento e abate a mesma alíquota que é aplicada na saída sobre o valor dos insumos, ainda que não haja tributação sobre o valor desses insumos e que, portanto, não tenha havido qualquer recolhimento anteriormente. "De cara, já se sai com uma possível distorção, que é agravada por uma dezena de leis que estabeleceram uma série de créditos presumidos, créditos fictícios, alíquotas reduzidas, que geram esse acúmulo do crédito."

A descrição de Barreirinhas sobre o *modus operandi* das empresas em algumas situações identificadas, mas não explicitadas pela Receita, revela de modo contundente por que uma das motivações da enorme mobilização empresarial da sexta-feira 7 foi cuidadosamente ocultada: "Imagine que uma empresa retém do seu empregado o valor da contribuição previdenciária e ele, empregado, é o contribuinte. Desconta 11% do salário para a Previdência e retém o Imposto de Renda na fonte. O empregado é o contribuinte, ele 'pagou' no momento em que isso é

abatido do salário dele. O que o empresário deveria fazer numa lógica normal, como responsável tributário pela retenção e recolhimento do tributo? Entregar ao Fisco. O que ele está fazendo nesses casos? Fica com o dinheiro, pega aquele crédito acumulado e entrega para o Fisco. (...) É como se nós estivéssemos financiando esse empresário que retém o dinheiro vivo descontado do salário dos empregados e entrega um crédito, muitas vezes presumido, fictício, em pagamento ao Fisco".

"Desde o início do governo Lula 3, o enredo repete-se a cada dia", chama atenção o historiador Jurandir Malerba, professor da UFRGS e pesquisador do CNPq. A "resistência ruidosa do empresariado" contra a MP que restringe a compensação de créditos tributários de PIS/Cofins, para compensar a desoneração da folha de pagamentos, é um exemplo. "O empresariado e seus prepostos no Parlamento e no Banco Central uivam contra a 'sanha arrecadatória do governo', ao mesmo tempo que exigem respeito à meta de inflação, ou seja, juros estratosféricos e estrangulamento de políticas públicas. Tanto no caso do ataque ao instituto da delação premiada quanto no da política tributária, a lógica é a mesma: o uso casuístico e oportunista da legislação, sempre em proveito de seus interesses escusos e contra os da população."

O ataque à delação premiada a que Malerba se refere é uma armação do presidente da Câmara, Arthur Lira, com a reapresentação, acompanhada de pedido de urgência na votação, de um projeto para invalidar delações feitas na prisão, inclusive a do tenente-coronel Mauro Cid, medida que beneficiaria Bolsonaro (*leia mais à pág. 22*).

As derrotas recentes do governo incluem as perdas com a manobra especulativa nos mercados de dólar e de juros na sexta-feira 7, no auge da pressão contra a MP do PIS/Cofins. Os mercados foram para o espaço após reunião do presidente do

Os críticos da "sanha arrecadatória" exigem respeito à meta de inflação, mesmo com juros estratosféricos e estrangulamento de políticas públicas

Banco Santander, acompanhado de executivos da casa e clientes, entre eles funcionários de outros bancos, em um encontro costumeiro com esse formato, mantido entre ministros da Fazenda e as principais instituições. Segundo relato de um participante, bastou o ministro dizer que levaria temas em discussão ao presidente da República para desencadear especulações sobre a provável redução de poder de Haddad, desdobradas em apostas financeiras na mudança do arcabouço fiscal e da meta de juros. Exatamente a mesma afirmação foi feita em encontros semelhantes pelo ministro, sem causar qualquer perturbação, reconheceu o observador. A confusão foi tão grande que Haddad considerou necessário convocar uma reunião de jornalistas para explicar o sucedido e reclamar de "vazamento de informação falsa". No momento do encontro na Fazenda, contavam-se às dezenas as declarações de associações empresariais contra a MP que seria derrubada dois dias depois.

Outra derrota, desta vez autoimposta, foi a anulação do leilão de compra de arroz pela Conab para segurar o preço do produto, que ameaça disparar em meio a notícias contraditórias sobre dificuldades com a safra e seu transporte. A desistência ocorreu em meio a denúncias de favorecimento do filho do secretário da Agricultura, Neri Geller, sócio de uma das empresas vencedoras. O fato de o representante da Confederação Nacional da Agricultura encabeçar o informe aos jornalistas sobre a derrubada da MP não



Cobertor curto. Mercadante pediu para os empresários "descerem do palanque". O Farmácia Popular é um dos programas atingidos pelo recente corte orçamentário

RODRIGO NUNES/MS E CLEBER MARTINS

é casual e prende-se a uma prática sistemática de espoliação, aponta Malerba.

O maior inimigo do Brasil ao longo de sua história, sublinha o professor, foram suas classes dominantes e dirigentes. "Nunca houve em nosso percurso qualquer período de distensionamento. O povo, isto é, os pobres, os trabalhadores e trabalhadoras, as populações indígenas e pretas, os excluídos do campo e da cida-

de, esteve sempre acuado por essa elite vira-lata, que há 500 anos iniciou a exploração predatória do País e vem reiterando o mantra de que o Brasil deve cumprir sua vocação natural de celeiro do mundo e que estamos em posição estratégica na economia global por nossas reservas minerais, como se elas fossem inesgotáveis."

O historiador chama atenção para o fato de que o pau-brasil começou a ser extinto já no primeiro século de colonização, concomitante ao início da guerra contra os povos originários, reiterada no decreto de maio de 1808 de Dom João VI. A cultura açucareira e a mineração também se expandiram, deixando para trás paisagens exauridas. "A primeira forma do agronegócio no Brasil foi a *plantation* escravista, latifundiária e monocultora. No século XIX, a Mata Atlântica quase desapareceu com a expansão da cultura cafeeira. Hoje, ultrapassando o ponto de não retorno do colapso ecológico global, vemos essa elite predatória avançar sobre a Amazônia, o Pantanal, o Cerrado e o Pampa com uma voracidade suicida."

A lógica desse sistema produtivo, prossegue Malerba, sempre foi explorar o comércio de metais e *commodities* tropicais para abastecer o mercado capitalista. Isso incidiu violentamente nos regimes de propriedade e trabalho e na organização social do País. O historiador identifica uma "condição de colonialidade perpétua a que parece estarmos fadados" e que se explica, historicamente, por essa elite de mando mesquinha e egoísta que se reproduz há gerações. As consequências sociais dessa lógica se traduzem em números nefastos, por exemplo, da concentração de renda.

A resistência do governo ao aumento avassalador das pressões tem um limite. Há indícios de que ele começou a entregar os anéis, sugere a notícia divulgada na segunda-feira 10, de que cortes de gastos atingem o programa Farmácia Popular, Auxílio Gás, obras em rodovias, a Polícia Federal e o Exército.



Limpa e confiável

ENERGIA NUCLEAR Gestão eficiente e controle dos rejeitos radioativos garantem a segurança da operação no complexo de Angra dos Reis

POR JÚLIO CESAR DOS SANTOS E JOHN WAGNER AMARANTE*



Quando se fala em rejeitos radioativos, o que vem à mente de grande parte da população brasileira é um estigma negativo. O que poucos sabem, porém, é que todo material gerado pelas usinas nucleares é monitorado cuidadosamente em seus estágios de vida. Para se ter uma ideia do controle, é como se cada item apresentasse seu próprio CPF.

Mesmo assim, ao contrário da pessoa física que pode circular livremente por aí com seu documento de identificação, os rejeitos radioativos ficam em um só lugar e jamais saíram da área controlada na Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto (CNAAA), em Angra dos Reis, em mais de 40 anos de trabalho. Os protocolos de segurança vão além e eles recebem um armazenamento apropriado, a depender das especificidades, garantindo que a população e o meio ambiente não corram quaisquer riscos.

Na CNAAA, os rejeitos radioativos de baixo e médio níveis de radiação estão armazenados em depósitos iniciais, podendo ficar próximos à superfície da terra, de acordo com normas estabelecidas pelo órgão fiscalizador, a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). Entre as classificações, aqueles rejeitos denominados como compressíveis são compostos de luvas, sapatilhas e macacões, entre outros itens, que são picotados e prensados em tambores metálicos de 200 litros. Já aqueles não compressíveis podem ser peças metálicas em geral e são acondicionados em caixas também metálicas de 1,2 mil litros e imobilizados em cimento.

Vale mencionar que não se trata de soluções definitivas para o acondicionamento desses materiais, uma vez que tal responsabilidade compete à CNEN, que desenvolve um projeto de construção do Depósito Final de Rejeitos Radioativos.

Nos últimos dez anos, a geração média anual de rejeitos radioativos de Angra 1 é de 52 metros cúbicos, enquanto a de Angra 2 é de 12 metros cúbicos. Essa quantidade é totalmente administrável e, como falado anteriormente, o cuidado com cada item é uma máxima para a empresa. Sabemos onde cada rejeito se encontra e promovemos o devido acondicionamento, ao contrário de outras fontes de geração de energia que emitem em larga escala gases de efeito estufa, que não podem ser "guardados" e são despejados na natureza.

> As emissões de CO² nas usinas a carvão são quase 70 vezes maiores

Uma usina a carvão emite, por exemplo, 820g/kWh de dióxido de carbono, podendo chegar ao dobro, dependendo da planta. Em contrapartida, uma usina nuclear emite apenas 12g/kWh. Fazendo uma comparação, Angra 1 e 2, juntas, gerando 14,5 bilhões de kWh em um ano, emitem 174 mil toneladas de CO_2 em 12 meses. Uma usina a carvão com a mesma produção emite 11,9 milhões de toneladas do gás poluente. Ou seja, uma usi-



Os protocolos de segurança são rígidos

na a carvão geraria, nesse contexto, 11,7 milhões toneladas de CO_2 a mais. Seria necessário plantar 586 milhões de árvores para compensar o dano, em cerca de 1 milhão de hectares. Essa diferença, acumulada durante 25 anos, seria equivalente a toda a área do estado de São Paulo.

Após tais explicações, o leitor pode estar se perguntando onde ficam os elementos combustíveis utilizados por Angra 1 e 2. Mas sobre o tema cabe a ponderação de que, neste caso, o assunto muda de figura. Os combustíveis usados – pastilhas de urânio enriquecido – não são considerados rejeitos ou lixos radioativos, como popularmente são chamados. Isso porque, diferentemente dos rejeitos de baixo e médio níveis de radiação, os elementos combustíveis poderão ser reciclados no futuro.

Sim, mesmo depois de servir como fontes no processo de geração de energia elétrica, as pastilhas de urânio possuem capacidade para uma reutilização. Pensando nisso, a Eletronuclear instalou, também na Central Nuclear, a Unidade de Armazenamento Complementar a Seco de Combustível Irradiado (UAS). Após passar pelo processo de resfriamento em piscinas dentro das usinas, o combustível é transferido para a UAS, localizada fora dos edifícios de Angra 1 e 2, ficando dentro de *canisters* com 5,3 metros de altura e 2,0 metros de diâmetro.

Os *canisters* são armazenados dentro de Hi-Storms, que são cilindros fabricados em aço e concreto medindo 6,0 metros de altura e 3,5 metros de diâmetro. Pesam cerca de 200 toneladas cada um. O tipo de armazenamento utilizado na UAS é similar ao implantado em cerca de 70 sítios norte-americanos, sem qualquer registro de incidentes. O projeto desse sistema garante a segurança em casos de terremotos, tornados e inundações, entre outros acidentes postulados.

Trata-se de uma medida capaz de dar segurança ao armazenamento, enquanto o País ganha tempo para adquirir a tecnologia necessária para reciclagem. Nações como Japão e França já fazem isso. Dessa forma, destacamos que a indústria nuclear como um todo precisa falar sobre a temática. Além do mais, não somente a geração de energia elétrica é capaz de gerar resíduos radioativos. Precisamos trazer à tona as possibilidades presentes e futuras e os obstáculos enfrentados pelo setor.

Em vez de ser vista como fonte de preocupação, devemos aproveitar todos os benefícios da energia nuclear, que, além de ser um caminho viável para o fornecimento de energia limpa e confiável, também detém vasta *expertise* em tecnologias para lidar com seus desafios, como o armazenamento dos materiais radioativos. •

Júlio Cesar dos Santos é coordenador do projeto da UAS da Eletronuclear. John Wagner Amarante é chefe do Departamento de Rejeitos e Proteção Radiológica da Eletronuclear.

ELETRONUCLEAR/MME



A última linha

EUROPA O "Centrão" mantém a maioria do Parlamento, apesar do avanço da extrema-direita continente afora

POR SERGIO LIRIO

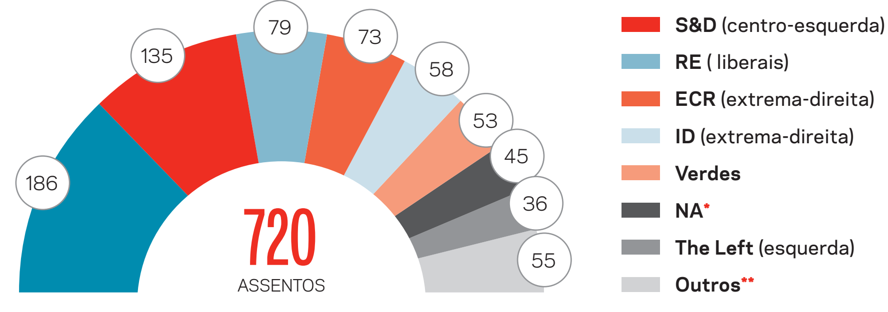
Os resultados eleitorais nas duas maiores economias e populações da União Europeia amplificaram a sensação de catástrofe, mas o assalto da extrema-direita ao poder em Bruxelas ainda é um projeto em construção. Na França, a vitória inconteste da Rassemblement National, legenda de Marine Le Pen, com o dobro de votos dos liberais, levou o presidente Emmanuel Macron a uma jogada arriscada, a antecipação das eleições parlamentares para 30 de junho, cerca de um mês antes do maior evento esportivo do ano, a Olimpíada de Paris. Na Alemanha, o SPD, de Olaf Scholz, amargou o terceiro lugar, 2 pontos porcentuais atrás da AfD e seus 15,9%, desempenho impressionante para um partido acusado de receber financiamento de Vladimir Putin e forçado a afastar, duas semanas antes da votação, o principal candidato da chapa após declarações em um tom nazista levemente acima do admitido pelos aliados de outros países. Em primeiro ficou a CDU, de centro-direita, agremiação da ex-chanceler Angela Merkel e da atual presidente da Comissão Europeia e candidata à reeleição, Ursula von der Leyen.

Em apenas cinco dos 27 Estados da UE a extrema-direita não elegeu deputados. Todos periféricos ou minúsculos: Luxemburgo, Lituânia, Malta, Eslovênia e Irlanda. Apesar do alastramento das ideias fascistoides pela região, o avanço extremista foi, no entanto, relativo. Os Reformistas e Conservadores Europeus (ECR, *na sigla em inglês*), "família" política da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, conquistou quatro cadeiras a mais que em 2019. O Identidade & Democracia (não se perca pelo nome), de Le Pen, terá nove deputados a mais. Os independentes, grupo amorfo e divergente no qual se misturam, ou nem tanto, parlamentares de direita e esquerda, ganhou 37 assentos em comparação à eleição anterior, em parte pela inclusão provisória da AfD, expulsa do ID de Le Pen por conta dos escândalos de Maximillian Krah, o cabeça de chapa que minimizou os crimes das SS nazistas e viu um assessor envolvido em um esquema de financiamento de uma rede pró-Rússia. Não está claro se a AfD poderá – ou desejará – retornar ao ninho de Le Pen após o afastamento de Krah. Ou se dará início a uma terceira corrente radical. Detalhe: ideologicamente parecidos, o ECR e o ID cultivam ambições e estilos distintos.

A fragmentação parlamentar deu-se à custa do enfraquecimento de liberais e verdes. Os socialistas ficaram na mesma em relação a 2019 (um assento a menos), enquanto o PPE, de centro-direita, avançou dez posições. Apesar de a contagem dos votos em todos os países não ter sido concluída até o fechamento desta edição, o bloco centrista historicamente dominante no Parlamento – centro-direita, centro-esquerda e liberais – somará 403 das 720 cadeiras, suficiente para indicar os principais cargos, liderar as comissões importantes e manter mais ou menos intactas as políticas da União Europeia.

Na noite do domingo 9, Von der Leyen resumiu o novo quadro: "O centro está a se aguentar. Mas também é verda-





*Deputados não-alinhados (independentes) às famílias políticas dominantes
**Parlamentares organizados em blocos menores
Fonte: Parlamento Europeu

INÊS 249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →



pág. 42
The Observer. O Partido Conservador corre risco de extinção no Reino Unido







Abalos. O francês Macron e o alemão Scholz foram os grandes derrotados, em uma eleição com viés nacional

MARKUS SCHREIBER/AFP, LUDOVIC MARIN/AFP E JAIME REINA/AFP

de que os extremos da esquerda e da direita ganharam apoio e por isso o resultado traz grande responsabilidade aos partidos de centro". No caso da comissária alemã, um novo dia sempre propicia uma nova oportunidade para quem navega ao sabor dos ventos. Até as vésperas das eleições, amparada nas projeções, imprecisas, de um crescimento mais acentuado da extrema-direita, Von der Leyen não demonstrava pudor em ultrapassar as "linhas vermelhas" ou romper "os cordões sanitários" na campanha pela reeleição. Manteve prudente distância do ID, abrigo dos adversários da AfD, mas arrastou asas em público para a ECR de Meloni. Tentou disfarçar a volúpia e a ansiedade por meio da "imposição" de dois compromissos genéricos, o apoio à Ucrânia e a preservação dos direitos individuais dos cidadãos europeus. Uma maneira de chafurdar na lama sem sair do salto. Desta vez, os eleitores livraram a presidente do Conselho Europeu da tentação. Os diques racharam, mas não foram rompidos. "Estou aqui em Berlim, apoiado por líderes socialistas e social-democratas de toda a Europa, para dizer mais uma vez: não há cooperação com a extrema-direita", afirmou no sábado 8 Nicolas Schmit, um dos expoentes da S&D, ao reafirmar as fronteiras do acordo centrista de governabilidade.

Com Bruxelas a garantir uma certa "normalidade", as atenções nas próximas semanas estarão concentradas na França. Há quem aponte coragem, há quem denuncie uma precipitação de Macron na dissolução da Assembleia e na antecipação das legislativas. Caso os resultados das eleições europeias se repitam, o país testará, por longos e atribulados três anos, uma complexa coabitação no poder entre o atual presidente e Jordan Bardella, pupilo de Le Pen que encabeçava a lista de candidatos ao Parlamento Europeu pelo Rassemblement National e virou, automaticamente, o favorito ao posto de primeiro-ministro. O semipresidencialismo francês, modelo que Arthur Lira e alguns ministros do Supremo Tribunal Federal gostariam de replicar no Brasil, enfrentaria assim seu maior teste. Ainda no domingo 9, ante o desastre, Macron apelou aos eleitores: "A ascensão dos nacionalistas e demagogos é uma ameaça não só para a nossa nação, mas para a Europa. A extrema-direita é, simultaneamente, o empobrecimento do povo e a queda do nosso país. Por isso, no fim do dia, não posso fingir que nada aconteceu". A esquerda, dispersa e mera coadjuvante nos últimos anos, promete uma inédita aliança eleitoral.

Na Alemanha, Scholz optou pelo inverso, fingir que nada aconteceu. Embora os social-democratas tenham amargado um vexaminoso terceiro lugar nas europeias, humilhação pior do que aquela sofrida por Macron, e haja pressão dos opositores por novas eleições gerais, o chanceler, à frente de uma coligação de social-democratas, verdes e liberais, prefere esperar a poeira baixar. Resta saber se a poeira vai mesmo baixar. Trata-se do pior resultado do SPD em mais de um século. Dois terços dos alemães, indicam as pesquisas, desaprovam a administração de Scholz, que tem pela frente cerca de um ano de mandato. •

INÊS 249



Não olhem para cima

TheObserver Um meteoro aproxima-se do Partido Conservador nas eleições do Reino Unido. Será o fim?

POR TOBY HELM E DANIEL BOFFEY

Em parte, como preparativo para o pior, em parte, como forma de encontrar esperança para o longo prazo, um livro tornou-se leitura popular de políticos conservadores britânicos na hora de dormir. Intitula-se *Full Circle: Death and Resurrection in Canadian Conservative Politics* (*Círculo Completo: Morte e Ressurreição na Política Conservadora Canadense*). Escrito pelo autor e historiador canadense Bob Plamondon, ele acompanha a destruição e a experiência de quase morte do Partido Conservador Progressista, de centro-direita, nas eleições gerais de 1993, quando deixou de ter maioria na Câmara dos Comuns do país e perdeu todos os assentos, menos dois. Seguiram-se muitos anos sombrios



PARTIDO CONSERVADOR E PHIL NOBLE/AFP



Fundo do poço. Sunak herdou uma situação calamitosa e conseguiu piorá-la. Muitos correligionários gostariam de ver o *premier* pelas costas antes da eleição de 4 de julho

antes que uma fusão e mudança de nome lhe permitissem voltar ao reconhecimento e, enfim, recuperar o poder em 2006, num dos mais notáveis renascimentos políticos dos últimos tempos.

Mesmo antes do erro desastroso do primeiro-ministro Rishi Sunak, na quinta-feira 6, quando voltou para o Reino Unido mais cedo das comemorações do Dia D na França com veteranos e líderes mundiais para conceder uma entrevista, depois de insistir que a política estava suspensa naquele dia, comparações com a experiência canadense eram traçadas. Será que o Partido Conservador da Grã-Bretanha poderia ser praticamente eliminado de modo semelhante, perguntam-se agora os filiados. Nesse caso, quais as probabilidades de um partido anteriormente aniquilado ressurgir das cinzas?

Os *tories* parecem girar cada vez mais rápido num redemoinho mortal, enquanto o Partido Trabalhista reforça sua liderança nas pesquisas e se apresenta como futuro governo. No fim de um serviço religioso emocionante no Memorial da Normandia Britânica, perto de Ver-sur-Mer, Keir Starmer, o candidato trabalhista, concordou com uma breve entrevista com emissoras nos gramados com vista para a Praia Gold, onde ocorreu o desembarque aliado durante a Segunda Guerra Mundial. Depois de ser solicitado a dar sua opinião sobre os acontecimentos de 80 anos atrás, Starmer foi pressionado pelos jornalistas a respeito das últimas novidades da campanha para as eleições gerais e as disputas sobre impostos com Sunak. O líder trabalhista recusou-se a responder. Aquele dia, disse aos repórteres, era para os veteranos, não para marcar pontos políticos. Foi questionado mais uma vez e, novamente, optou por não cobrar o pênalti. Sua próxima parada foi a comemoração internacional na Praia de Omaha.

> A depender da derrota, haverá pressão por uma fusão com os extremistas do Reforma UK

Enquanto isso, Sunak havia se despedido e tomado o avião para casa, escapando para dar uma entrevista a Paul Brand, da ITV, que pode tornar-se mais um golpe em suas chances de reeleição. Na manhã seguinte, o porta-voz da defesa do Partido Trabalhista, John Healey, conseguiu colocar a bola na rede, enquanto os veteranos acusavam Sunak de decepcionar o país. "Como o primeiro-ministro tem feito campanha sobre a ideia de que os jovens deveriam cumprir um ano de serviço nacional, o que significa o fato de ele, ao que parece, não ter completado uma única tarde desse serviço?" Dificilmente poderia ter sido mais contundente.

Incrivelmente, a capacidade de Sunak para liderar os conservadores até o dia das eleições, em 4 de julho – e muito menos



Se arrependimento matasse... Os britânicos agora lamentam a intempestiva decisão de sair da União Europeia. Os custos foram altos, os ganhos, nulos

depois disso –, agora é questionada por alguns do seu próprio lado. Os candidatos conservadores e o pessoal em campanha para salvar seus assentos estão além do desespero. Um deles disse na sexta-feira 7: "Se você tivesse tentado escolher uma questão para perturbar meus eleitores, não poderia ter escolhido uma melhor". Na manhã de sexta, o ex-assessor especial conservador Sam Freedman revelou como a conversa sobre a substituição de Sunak antes da eleição estava se espalhando entre seus amigos e seguidores no X: "Recebi várias mensagens esta manhã perguntando se há algum precedente, em algum país, de um líder de um grande partido ser substituído durante uma campanha. Não consigo encontrar um".

Rob Ford, um dos principais especialistas em intenções de voto e tendências, diz que os resultados das pesquisas mostram que "um asteroide eleitoral está atravessando a atmosfera" e dirige-se para o núcleo dos conservadores. Ford não considera impossível que os conservadores acabem com menos de cem assentos, pois sua campanha erra o alvo e tanta confiança se perdeu ao longo de 14 anos e nos mandatos de cinco primeiros-ministros. Outros especialistas em pesquisas dizem que, diante da dispersão geográfica do voto conservador e da natureza brutal do sistema eleitoral por maioria simples, uma vez que seus votos caiam para a faixa inferior dos 20%, o número de assentos poderá cair para dois dígitos – e chegar a apenas 20.

No mesmo dia, Nigel Farage, líder do partido de extrema-direita Reforma UK, anunciou a intenção de concorrer em Clacton-on-Sea e liderar a legenda nos próximos cinco anos. Todos os candidatos conservadores souberam instantaneamente que o voto da direita em sua área tinha agora muito maior probabilidade de se dividir, dificultando o trabalho de manter assentos. "Raramente um partido pode ter recebido dois golpes desse tipo numa tarde", disse o guru das eleições John Curtice. "Infelizmente, para os conservadores, a maior parte da força recebida do Reforma vem daqueles que apoiaram o apelo pró-Brexit de Boris Johnson em 2019, muitos dos quais provavelmente reverteriam para os conservadores se o Reforma não fosse uma opção agora."

Um sinal revelador da implosão da campanha foi a forma como os conservadores se dispuseram repentinamente a atacar seu próprio líder, por estarem tão desiludidos e desesperados. Quando Sunak tentou refutar as alegações de que havia mentido sobre os planos fiscais do Partido Trabalhista, Fraser Nelson, editor da revista *Spectator*, que apoiava os conservadores, pareceu ficar mais do lado dos trabalhistas do que do *premier*. "Há questões sérias em jogo nestas eleições gerais e os conservadores acabaram de divulgar números absurdos com atribuições falsas e entregá-los a jornais que confiaram neles", escreveu Nelson. "Re-

almente, não tenho certeza se isso ajudará muito em suas chances."

Assim, com a campanha quase a descarrilar, as pesquisas recusando-se a mudar, Farage ameaçando dividir o voto da direita e o moral a cair, para onde irão os conservadores em caso de humilhação, ou mesmo de aniquilação?

Existem várias teorias, a depender da gravidade da derrota, embora ninguém saiba realmente e poucos queiram divulgar o que pensam. O ex-ministro conservador David Gauke acredita que, provavelmente, as expectativas serão ruins para os conservadores na noite das eleições e que o partido então oscilaria drasticamente para a direita. "Meu medo é, especialmente se o Reforma for bem-sucedido e Nigel Farage for eleito deputado por Clacton, que os instintos de grande parte do Partido Conservador sejam que precisamos ceder a isso, precisamos unir a direita, formar uma aliança, se não uma fusão com o Reforma, e é para onde o Partido Conservador deverá ir." Se isso acontecer, diz Gauke, "acho que o Partido Conservador renunciará ao menos por uma geração, possivelmente para sempre, à sua posição outrora mantida como o partido natural do governo, o partido das classes médias, dos condados mais próximos da capital, das empresas".

Ele acredita que a ex-secretária do Interior Priti Patel poderia surgir como a nova líder conservadora, fechar algum tipo de acordo com Farage e convidar Boris Johnson de volta ao partido parlamentar. Patel, diz, mantém melhores relações com Johnson do que outros possíveis candidatos à liderança da direita, como Suella Braverman, Kemi Badenoch e Robert Jenrick. Ela também tem diálogo com Farage. "Há muito tempo previ que Patel lideraria o partido após as eleições gerais, apoiando-se numa plataforma de união da direita, de buscar algum tipo de acomodação com Nigel Farage, de querer trazer de volta Boris Johnson ao partido parlamentar", diz Gauke. "Uma das questões políticas fascinantes no mundo pós-eleitoral será a relação de Nigel Farage e Boris Johnson, e talvez não seja possível para um partido conter os dois, mas penso que ela tentará encontrar um caminho."

Os *tories* são cada vez menos um partido de centro-direita

Tim Bale, professor de política na Queen Mary, Universidade de Londres, autor de uma extensa pesquisa sobre a provável aparência política do Partido Tory em caso de derrota, diz que num cenário de pesadelo, onde ganhe apenas cerca de cem assentos, a legenda parlamentar que surgiria seria "mais meridional, mais esperta, mais educada em Oxbridge e, muito possivelmente, um pouco mais representativa, embora ainda não muito, das minorias étnicas, bem como das mulheres". Aonde isso levaria a agremiação não está claro para ele, nem para qualquer outro analista. Bale diz que sempre rejeitou a ideia de que os *tories* pudessem falir e simplesmente desaparecer, mas agora pensa que alguma reconfiguração radical poderá acontecer. "Embora falar sobre os conservadores enfrentarem uma 'ameaça existencial' ou 'saírem do mercado' tenda a me fazer pegar o meu revólver, eu não descartaria totalmente as chances de tal aquisição, hostil ou não", diz. "Uma combinação tóxica de Brexit, Boris Johnson e um ecossistema midiático de direita cada vez mais histérico, juntamente com uma adesão popular altamente não representativa que, no entanto, tem a palavra final na escolha do líder da legenda, empurrou o partido para se tornar populista de direita radical, em vez de um grupo de centro-direita da corrente dominante."



Fênix. Há quem projete a ressurreição política de Johnson

ANDREW PARSONS/10 DOWNING STREET E REDES SOCIAIS

Ryan Shorthouse, presidente do grupo de análises Bright Blue, que promove o conservadorismo liberal, diz que se o Reforma for bem-sucedido "alguns pressionarão por algum tipo de fusão" e que "alguns na direita conservadora sentirão que é o lugar certo para eles". Isso poderia, no entanto, deixar uma proporção maior de conservadores de "uma nação" (pró-assistencialismo social, "paternalistas") no partido parlamentar, que não gostariam de escolher um líder de direita para suceder a Sunak. "A lição de Rishi é que se mover para a direita é a abordagem errada, então minha opinião é que os parlamentares serão mais paternalistas e escolherão alguém mais de sua convicção."

À medida que as coisas vão de mal a pior durante a campanha, a maioria dos conservadores está preparada para a aniquilação. Mas ninguém sabe como, ou se, o partido poderia sobreviver, após a colisão do asteroide, em alguma forma semelhante à sua atual – ou se os conservadores poderão de algum modo se reinventar, como aconteceu no Canadá. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Os futuros czares

TheObserver Na "Davos" russa, filhos dos líderes políticos e dos magnatas começam a dar as cartas

POR PJOTR SAUER

No principal fórum econômico de Vladimir Putin, apelidado de "Davos russo" e realizado anualmente na cidade natal do presidente, São Petersburgo, duas mulheres falaram longamente. Suas identidades eram um segredo aberto, mas ninguém ousava dizê-lo em voz alta: eram as filhas de Putin.

A mais velha, Maria Vorontsova, 39 anos, cientista especializada em investigação genética, presidiu uma discussão no Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo sobre "Bioeconomia". No mesmo dia, Katerina Tikhonova, 37 anos, executiva de tecnologia e dançarina de *rock'n'roll* acrobático, falou com orgulho sobre o papel da indústria de defesa para garantir a soberania tecnológica da Rússia.

As identidades das filhas de Putin de seu casamento com Lyudmila Putina, uma ex-comissária da Aeroflot de quem se divorciou em 2013, nunca foram confirmadas pelo Kremlin, e nenhuma fotografia delas adultas foi oficialmente divulgada. Apesar de sua influência crescente e de terem sido atingidas pelas sanções impostas pelo Ocidente, Putin nunca as reconheceu publicamente como filhas. Quando questionado a respeito, ele simplesmente se referiu a elas como "essas mulheres".

Seus nomes também estavam claramente ausentes de uma árvore genealógica detalhada de Putin apresentada ao público no SPIEF 2024. A exposição, em um estande onde os convidados podiam tirar *selfies*, traçava a linhagem do presidente até o "Tempo das Perturbações", no século XVII, revelando suas origens humildes numa família de agricultores. Mas o perfil público ascendente das duas mulheres indica uma tendência mais ampla: os filhos de Putin e de seus aliados cada vez mais assumem cargos em empresas e no governo, uma sugestão de que seus pais idosos trabalham para garantir uma transição estável de poder e influência.

Lá estava Ksenia Shoigu, filha do ex-ministro da Defesa e atual secretário do Conselho de Segurança, Sergei Shoigu, que presidiu uma discussão sobre a federação de triatlo do país, sob sua direção. Roman Rotenberg, um alto executivo do hóquei no gelo, cujo pai, Boris, foi um dos parceiros de judô de Putin na infância, também falou, manifestando-se um tanto ironicamente contra o que chamou de "nepotismo no esporte".

Há sinais de um processo de transição de poder e influência



Num relatório recente intitulado *Politburo 2.0*, uma homenagem ao sistema de governo da antiga União Soviética, Yevgeny Minchenko, cientista político próximo do Kremlin, descreveu esse processo como a "ascensão da princesa". "Os filhos dos representantes da elite política alcançaram avanços profissionais há muito esperados", escreveu.

Neste ano, o fórum foi muito diferente do anterior à invasão da Ucrânia, em 2022, quando companhias multinacionais e russas disputaram parcerias dispendiosas ou realizaram festas de luxo com estrelas *pop*, entre elas Sting, para provar que estavam comprometidas com o mercado russo. Entre seus oradores, o SPIEF já ostentou líderes mundiais como o presidente francês, Emmanuel Macron, o líder chinês, Xi Jinping, e a ex-chanceler alemã Angela Merkel.

Para substituir as delegações ocidentais, a Rússia cortejou funcionários da América do Sul, África, Índia e China. O presidente Emmerson Mnangagwa, do Zimbábue, e o da Bolívia, Luis Arce, foram os convidados de honra deste ano.

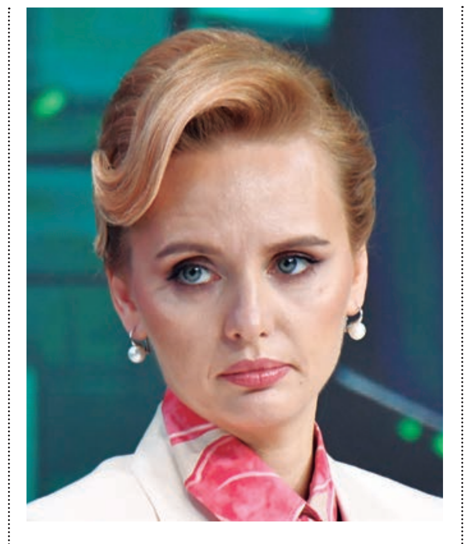
INÊS 249

Uma delegação do Talebã também compareceu, apesar de a organização estar formalmente proibida na Rússia.

As discussões sobre o reforço da cooperação com o Ocidente pertencem agora ao passado, suplantadas por palestras de ativistas de extrema-direita, a começar pelo filósofo Alexander Dugin, que defendeu apaixonadamente a guerra total. Outras autoridades apelaram à eliminação do "movimento LGBT".

À venda na conferência havia camisetas estampadas com uma frase combativa atribuída a Putin. "Se a luta for inevitável, dê o primeiro soco", dizia, uma referência a um ditado que o presidente russo teria aprendido quando criança nas ruas de Leningrado.

Num sinal dos tempos, o agressivo cientista político russo Sergei Karaganov, que recentemente defendeu um ataque nuclear preventivo, foi escolhido para moderar a cerimônia de encerramento, tradicionalmente comandada por Putin. Ainda assim, alguns participantes afirmaram que o clima da reunião foi otimista, impulsionado pelas perspectivas



Segredo de polichinelo. Putin (*segundo da direita para a esquerda*) não reconhece em público a filha Maria Vorontsova

SERGEY OTROSHKO/SPIEF 24 E OLGA MALTSEVA/AFP

econômicas positivas. Apesar da duvidosa distinção de ser o país mais fortemente punido por sanções mundiais, prevê-se que o PIB da Rússia cresça mais rapidamente do que o da maioria das outras economias avançadas, de acordo com o Fundo Monetário Internacional, destacando a surpreendente resiliência do país e levantando questões sobre a eficácia das políticas de sanções.

As receitas do petróleo e do gás russos em abril quase duplicaram ano a ano, para 11 bilhões de libras (perto de 77 bilhões de reais), graças ao aumento dos preços, salientando as dificuldades que os países do Ocidente enfrentam enquanto procuram limitar as receitas do Kremlin e sufocar seu poderio militar. "Há um claro otimismo neste ano em comparação com 2023", afirmou um dirigente de uma instituição financeira estatal, presente pela terceira vez no SPIEF. "Há um sentimento de orgulho no ar por termos derrotado o Ocidente na guerra econômica."

Quando Putin, visivelmente confiante, fez seu discurso no plenário na sexta-feira 7, prometeu ao público a vitória na Ucrânia e elogiou o crescimento econômico do país. "Apesar de todos os obstáculos e sanções ilegítimas, a Rússia continua a ser um dos principais atores no comércio mundial", festejou. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Telas em transição

AUDIOVISUAL No palco do Rio 2C, na Cidade das Artes, a Globo procura desconstruir o discurso de brasilidade da Netflix

POR ANA PAULA SOUSA, DO RIO*

No início da manhã da quarta-feira 5, Joelma Gonzaga, secretária do Audiovisual do Ministério da Cultura, falou para uma plateia atenta, no Rio 2C, sobre a regulação do *streaming*. "É preciso garantir ao produtor independente a propriedade intelectual e patrimonial das obras. "Qualquer projeto (de lei) precisa partir desse ponto", disse. "A questão da regulação é uma questão de soberania nacional."

Já perto da hora do almoço, foi a vez de a Netflix subir ao Global Stage, principal palco do Rio 2C, encontro do setor criativo que levou mais de 50 mil pessoas à Cidade das Artes, na Barra da Tijuca, na semana passada.

Em meio ao trâmite de dois Projetos de Lei que dispõem sobre as regras de apoio das plataformas à produção independente brasileira, a Netflix inseriu, em sua apresentação, respostas diretas e indiretas ao debate em torno do significado de "obra brasileira" no contexto cada vez mais globalizado do audiovisual produzido para os serviços de vídeo sob demanda.

Coube a Christian Malheiros, ator de *Sintonia*, a série brasileira mais vista da Netflix, o papel de mestre de cerimônias principal. Em 2023, no próprio Rio 2C, *Sintonia* havia sido citada por Kondzilla. Ele, então, lamentou o fato de, apesar de ter sido desenvolvida por sua produtora em parceria com a Los Bragas, a série ter se tornado uma propriedade da Netflix – que financiou a produção e detém os direitos sobre a sua exploração e continuidade.

Este ano, ao apresentar *Senna*, a Netflix resolveu, ela mesma, levar ao palco Fabiano e Caio Gullane, produtores da série, donos da ideia, mas não dos direitos patrimoniais. E Fabiano relatou que, até a Netflix ter abraçado o projeto, passou 12 anos rodando o mundo para tentar viabilizá-lo. A série, que estreia no segundo semestre, envolveu a contratação de atores de 16 países e a construção, na Argentina, de 22 réplicas de carros de Fórmula 1.

Além de falar das duas séries, a Netflix, pela voz de suas executivas e da atriz Juliana Paes, anunciou um *reality* musical, *Nova Cena*, com batalhas de rimas; a novela, também chamada de série melodramática, *Pedaço de Mim*; os filmes *Caramelo*, protagonizado por um cachorro, e *O Diário de Um Mago*, baseado no *best seller* de Paulo Coelho; e as minisséries *Pssica* e *Os Quatro da Candelária*.

> As duas empresas tentaram ainda se mostrar parceiras das produtoras independentes

Para falar de *Pssica*, baseada em um livro do paraense Edyr Augusto, foram recrutados Andrea Barata Ribeiro, sócia de Fernando Meirelles na O2 Filmes, e o roteirista Bráulio Mantovani, que, em um vídeo, elogia os apontamentos feitos pela Netflix no roteiro. Neste caso, o recado era que, sim, a empresa intervém criativamente no que produz, mas que isso não é necessariamente ruim.

Em outro painel, Gilberto Toscano, diretor sênior de Assuntos Jurídicos e de Negociações da Netflix Brasil, buscou deixar claro que firma outros tipos de parcerias com os produtores brasileiros independentes – para além dessas nas quais as empresas figuram como prestadoras de serviço. Há tanto o licenciamento de obras concluídas para o catálogo quanto os pré-licenciamentos, também chamados de pré-venda. Esse segundo tipo de contrato é assinado antes do filme pronto e ajuda a compor o orçamento de produção. Toscano contou que esse modelo foi adotado, recentemente, em projetos de dois diretores de perfil autoral e de fora do eixo Rio–São Paulo: Kleber Mendonça Filho e André Novais Oliveira.

A resposta ao discurso da Netflix – de adesão às histórias brasileiras e proximidade com produtores independentes – viria no fim do dia, no painel *Acontece Globo: Um Compromisso com o Brasil*.

INÊS 249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO



pág. 52
Literatura. A inquietação de Kakfa é relembrada no centenário de morte do autor



Espelhos. No palco, Luciano Huck disse que a plateia podia filmar e fotografar o que quisesse: “O conteúdo é todo de vocês”. Antes, a Netflix, na apresentação conduzida pelos atores Christian Malheiros e Juliana Paes, havia pedido que nada ali fosse registrado

ANDRÉ LUIZ MELLO/RIO2C E NAT ODENBREIT/RIO 2C

Governo. Antes de Netflix e Globo falarem, Joelma Gonzaga, do MinC, defendeu a regulação do *streaming*



Nele, o maior grupo de mídia nacional ironizou o concorrente e puxou para si a legitimidade dessa relação entre audiovisual e aquilo que, um dia, foi chamado de identidade nacional.

A primeira cutucada foi dada assim que Luciano Huck entrou no Global Stage, dizendo que tudo podia ser fotografado e filmado. A Netflix, antes, havia pedido para que nada fosse registrado. "O conteúdo é todo de vocês", afirmou. Era só o começo.

Frases como "A Globo é parte da sociedade brasileira"; "A Globo trabalha com 170 produtores independentes (...) e dá liberdade de criação para esses produtores – não é todo mundo que faz isso, não"; ou "80% da programação da TV Globo é de conteúdo brasileiro" seriam ditas por Amauri Soares e Manuel Belmar, executivos que dividiram o palco com Huck.

De acordo com o *Panorama do Mercado de Vídeo por Demanda no Brasil*, da Agência Nacional do Cinema (Ancine), as obras brasileiras corresponderam, em 2023, a apenas 3,8% das 6,7 mil obras disponíveis na Netflix; no GloboPlay, esse porcentual foi de 35,2% entre 3,4 mil títulos. Ainda de acordo com o estudo, há, no catálogo da Netflix, 21 originais ante 234 títulos de produção independente; e, no do GloboPlay, 656 produções não independentes e 510 independentes.

Além de chamar para si a verdadeira brasilidade – postura adotada em outros momentos-chave da regulação do setor –, a Globo relativizou a força dos novos *players* na disputa pelo tempo das pessoas.

Segundo Soares, uma novela da Globo tem uma audiência maior do que a soma das três séries mais consumidas na "maior plataforma de *streaming* no mundo" e um filme, na *Tela Quente*, é visto por até 40 milhões de pessoas simultaneamente. Nem o alcance global das plataformas ficou de fora do contra-ataque: "A gente viaja o mundo há décadas".

Elisabetta Zenatti, vice-presidente de conteúdo da Netflix Brasil, deu o nome de "efeito Netflix" ao engajamento que mobiliza meio bilhão de pessoas ao redor do mundo. Soares, por sua vez, criou uma diferenciação entre o que chamou de comunicação aberta *versus* comunicação algoritmizada: "Temos uma missão antialgorítmica. Gosto de pensar a televisão como a maior praça pública do Brasil".

Netflix e Globo, as duas principais marcas do mercado de produção e licenciamento de filmes e séries no Brasil, ajudam a delinear as novas feições da produção, distribuição, exibição e do consumo audiovisual. Mas o retrato desse setor, do qual fazem parte algumas das mais valiosas empresas do mundo – como Apple e Amazon – se completaria com outros *players* que, com seus negócios digitais, influenciam todos os demais modelos.

> No mesmo espaço, YouTube e CazéTV trataram de fenômenos digitais incontornáveis

Casemiro, criador da CazéTV, e Mary Ellen Coe, executiva do YouTube, foram dois dos que trataram de fenômenos digitais incontornáveis. A audiência da Globo pode não ser ameaçada, numericamente, pela da Netflix; mas é pela do YouTube. E a CazéTV, com suas transmissões de futebol e, este ano, com a cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris, também se tornou um concorrente significativo.

Mas de que forma isso tudo se conecta ao tema da regulação, que deu a largada aos debates sobre audiovisual no Rio 2C?

No painel *Perspectivas da Indústria: Como Alcançar a Sustentabilidade Econômica no Novo Ecossistema de Mídia e Entretenimento?*, M.M. Izidoro, produtor, roteirista e diretor, deu uma das respostas possíveis. "A produção foi bem resolvida. Mas como a gente vende o que produz, especialmente nesse cenário de extrativismo cultural, onde as empresas gringas chegam aqui e falam: 'Eu produzo o seu sonho, mas vou levá-lo comigo'."

Izidoro referia-se, justamente, aos direitos patrimoniais. "Os maiores IPs (*intellectual property*) infantis estão vindo do YouTube", disse. "A gente acha que todo mundo está na Netflix, mas não é verdade. No Brasil, a grande maioria está na tevê aberta, no WhatsApp e no YouTube."

Nesse contexto, um dos papéis da regulação é incorporar as plataformas ao ecossistema de financiamento público e criar regras que facilitem a negociação dos direitos. Rafael Lazarini, CEO do Rio 2C, diz que uma das coisas que o agradou nesta edição foi ter ouvido "conversas mais francas, mesmo em assuntos delicados". Dessas conversas, emergiram as nuances desse universo no qual estão em disputa os direitos de quem produz e a atenção de quem vê. •

**A jornalista viajou a convite do Rio 2C.*

OS TROPEÇOS DO CINEMA ARGENTINO

O produtor de *O Segredo dos Seus Olhos* e *Relatos Selvagens* diz que a crise do financiamento de filmes se aprofundou, mas antecede Milei

Produtor de filmes marcantes do cinema argentino, como *O Segredo dos Seus Olhos* (2009), *Relatos Selvagens* (2014) e *Argentina, 1985* (2022), Axel Kuschevatzky esteve no Rio 2C para participar de um painel sobre coproduções internacionais. Após o debate, do qual participaram também produtores brasileiros, Kuschevatzky concedeu esta entrevista a *CartaCapital*.

CartaCapital: As notícias que nos chegam dão conta de que o cinema argentino passa por uma crise de financiamento. Isso começa com o governo Milei ou havia uma crise que precedia a atual?
Axel Kuschevatzky: Esse processo vem de antes. A Argentina não tem, por exemplo, um sistema de *tax rebate* (abatimento de imposto) nacional. Só Buenos Aires tem. Além disso, não há investimentos privados no cinema e os recursos do Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais (INCAA) estão congelados.

CC: O fundo público vinha funcionando bem ou passava por problemas? Pergunto porque, no Brasil, quando Bolsonaro assumiu, havia uma crise no Fundo Setorial do Audiovisual – que acabou por servir também de pretexto para a paralisia.
AK: Na Argentina, o governo também atribui a interrupção a problemas de ordem administrativa. E, sim, a crise do financiamento público foi gradual, e começou a aprofundar-se há uns seis anos. O fundo do INCAA não acompanha a inflação. Produzimos 200 filmes por ano, mas 95% das bilheterias ficam concentradas em cinco títulos. Então, temos uma tempestade perfeita. Há dois meses, sob a alegação de que se organiza um novo plano de fomento, não são liberados recursos.

CC: Qual a fonte dos recursos desse fundo?
AK: São duas origens: 10% dos ingressos vendidos em salas de cinema e 25% do valor das licenças que as televisões aberta e fechada pagam aos governos.

CC: Na Argentina, plataformas de *streaming* também não contribuem para o fundo público do audiovisual?
AK: Não. E, neste momento, não temos ambiente político para pensar em uma regulação.

CC: No Brasil, um dos pontos centrais do debate sobre regulação são os direitos de propriedade. Como são os acordos que a sua empresa tem feito com as plataformas?
AK: Licenciamos filmes prontos; atuamos como prestadores de serviços em obras originais das plataformas; e, sobretudo, tentamos produzir com eles mantendo alguma participação no IP (*intellectual property*), mesmo que não majoritária.

CC: Sem regulação, como vocês negociam isso?
AK: Pedimos! (*risos*) Do meu ponto de vista, o Brasil tem um enorme potencial, mas, para fortalecer o seu cinema, precisa se internacionalizar. E a internacionalização tem a ver também com um código narrativo. Nós, quando começamos um projeto, discutimos como fazer para que o filme chegue a todo mundo e se conecte com diferentes audiências. É um trabalho longo, e que passa pelo desejo de se internacionalizar – sem que com isso se perca a identidade.





Expertise. *Argentina, 1985* (*à esq.*) é uma das produções de Axel Kuschevatzky, que participou de um painel no Rio 2C na semana passada

CADU PILOTTO/RIO2C, PRIME VIDEO E CLAUBER CLEBER CAETANO/MC

Cem anos de inquietação

LITERATURA Evocar Franz Kafka no centenário de sua morte é uma forma de celebrar a existência de um autor que jamais buscou o consenso ou o conforto

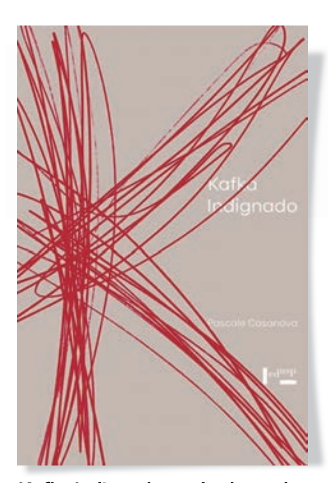
POR KELVIN FALCÃO KLEIN

É possível dizer que cada época inventa seu próprio Franz Kafka, com as ferramentas que tem à mão. Em 1951, Jorge Luis Borges fala de Kafka a partir de seus precursores, ou seja, de como sua obra é um ponto possível dentro de uma constelação de outros textos, em um arranjo sempre móvel. Em 1975, Deleuze e Guattari falam da "literatura menor" de Kafka, espécie de experimento político que visa enfraquecer as fundações do poder estabelecido – bem como seus discursos, gestos e hábitos.

Duas décadas mais tarde, em 1995, Sander Gilman apresenta Kafka como o "paciente judeu", articulando a história de seu corpo e sua doença, a tuberculose, com o clima antissemita de sua época. Mais recentemente, em 2011, Pascale Casanova fala de um *Kafka Indignado* – título do livro que acaba de sair pela Edusp –, um homem em estado de permanente inquietação diante das demandas políticas, sociais, amorosas e familiares.

Nossa época pode comemorar o centenário do autor e, talvez, refletir sobre a ambivalência de sua fama. Apesar da multiplicidade de leituras possíveis, a obra de Kafka apresenta-se, majoritariamente, sob o signo do desconforto e da inadequação, como fica claro quando acompanhamos alguns de seus personagens.

Temos, por exemplo, um homem que acorda transformado num inseto monstruoso (*A Metamorfose*); um morto-vivo que fala com tranquilidade de suas viagens intermináveis (*O Caçador Graco*); e um macaco falante que tenta convencer uma audiência difícil de que sua existência é possível (*Um Relatório para Uma Academia*).



***Kafka Indignado*, recém-lançado no País, mostra um artista em constante embate com o entorno**

O que, nessas histórias, mantém a atenção e o interesse dos leitores, mesmo depois de cem anos da morte do autor? Os relatos de Kafka são, ao mesmo tempo, enigmáticos e arejados, concisos e estimulantes. Ou seja, permitem que o leitor utilize a própria imaginação para suprir as lacunas, arriscando, inclusive, uma projeção autobiográfica em direção ao texto – como eu me comportaria se acordasse transformado em um inseto, ou se encontrasse na minha frente Josefina, a rata cantora?

No que diz respeito à fama póstuma de Kafka, é preciso enfatizar que a obra não existe sem a vida: seus diários e as cartas para suas quatro noivas (Felice, Julie, Milena e Dora) mostram que os detalhes biográficos são sempre registrados a partir de uma visão de mundo peculiar, única, "kafkiana".

"Hoje sonhei com um asno parecido com um galgo e muito contido em seus movimentos", escreve ele em 29 de outubro de 1911, completando: "Seus pés humanos e estreitos não me agradavam". Ou a entrada de 2 de agosto de 1914, uma das mais famosas dos diários: "A Alemanha declarou guerra à Rússia. À tarde, natação". Nesse vasto conjunto de registros, Kafka surge, paradoxalmente, como um homem comum, gente como a gente, inseguro, apaixonado, aguentando um trabalho enfadonho, convivendo com pessoas que não suporta.

Quando morreu em um sanatório perto de Viena, na Áustria, em junho de 1924, em decorrência da tuberculose, Kafka não tinha como saber da proporção que sua obra tomaria ao longo das décadas. Suas ficções fascinaram também outros grandes escritores – Elias Canetti, Cynthia Ozick, Ricardo Piglia –, gerando um encadeamento de

Kafka morreu em um sanatório perto de Viena, na Áustria, em junho de 1924, em decorrência da tuberculose

ATELIER JACOBI/BODLEIAN LIBRARIES/UNIVERSIDADE DE OXFORD

excelentes comentários, fazendo a literatura circular para além das fronteiras geográficas e linguísticas.

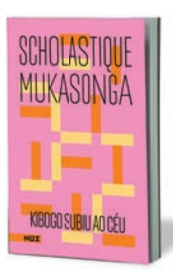
Evocar Kafka no centenário de sua morte é uma forma de celebrar a existência de uma literatura que não busca consenso ou conforto, fugindo da facilidade e das posições fixas. Como ele próprio postula na fábula intitulada *Prometeu*: "A lenda tenta explicar o inexplicável". •

VITRINE

POR ANA PAULA SOUSA



Francisco Bosco – ensaísta, *influencer* e parceiro do pai, João Bosco, como letrista – condensa seus pensamentos sobre a contemporaneidade e a existência nos divertidos e provocadores aforismos e breves textos contidos em **Meia Palavra Basta** (Record, 128 págs., 54,90 reais).



Residente na França, Scholastique Mukasonga recupera a memória da Ruanda natal nos tempos do domínio belga em **Kibogo Subiu ao Céu** (Nós, 168 págs., 75 reais). Uma das buscas da narrativa é, justamente, dar forma às lutas íntimas e coletivas contra a colonização e a evangelização.



Escrito logo após *A Cor Púrpura* (1983), **O Templo dos Meus Familiares** (José Olympio, 518 págs., 99,90 reais) é um livro menos célebre de Alice Walker, mas não menos ambicioso. O romance, definido pela autora como uma história "dos últimos 500 anos", ganhou nova tradução no Brasil.

Um épico em tom de conto de fadas

The Observer A partir de dois personagens ficcionais e de um olhar para a natureza, *O Pacto da Água* relata 70 anos da história da Índia

POR SANTANU BHATTACHARYA

"Olar da jovem noiva e do noivo viúvo fica em Travancore, no extremo sul da Índia, entre o Mar Arábico e os Gates Ocidentais (...). A terra é moldada pela água e um idioma comum une o povo dali: o malaiala."

Assim adentramos ao mundo de *O Pacto da Água,* de Abraham Verghese. No ano de 1900, uma menina de 12 anos, Mariamma, pega um barco para se casar com um viúvo de 40. Mais tarde, Mariamma se tornará a Grande Ammachi, a matriarca da propriedade localizada na cidade de Parambil, em Kerala.

Ao longo de sete décadas, ela será o centro inabalável dessa terra e de sua comunidade. E descobrirá que existe uma maldição, uma "condição" ligada à família: um afogamento em cada geração. Ninguém consegue explicar a razão dessas mortes e todos rezam para que um médico encontre a cura para esse mal.

Paralelamente, corre outra história, a de Digby Kilgour, jovem doutor escocês que viaja de Glasgow a Madras para trabalhar no serviço médico indiano durante a época colonial. As duas histórias vão encontrar-se só perto do final do livro, "como um rio que liga as pessoas que vivem acima com as que estão abaixo".

As narrativas a respeito dos dois protagonistas são entremeadas por fatos históricos: soldados indianos lutam pelos britânicos nas guerras mundiais; a Índia conquista a independência; chega o jornal, depois o rádio, depois uma agência de correio; o estado de Kerala é formado; os comunistas vencem as eleições; e a insurgência naxalita corre desenfreada.



O PACTO DA ÁGUA

Abraham Verghese. Tradução: Odorico Leal. Companhia das Letras (632 págs., 99,90 reais)

O primeiro – e básico – compromisso do romance é para com a terra e as vidas que ela sustenta: "Ele cai num sono tranquilo (...) e isso só pode acontecer (...) no solo de Parambil e na Terra de Deus" – como é conhecido o estado de Kerala.

Verghese nasceu na Etiópia, filho de um casal indiano de Kerala, e, no início da vida adulta, trabalhou como médico e professor de Medicina nos Estados Unidos.

Ele descreve com detalhes a natureza luxuriante – "uma fantasia infantil de riachos e canais, uma rede de lagos e lagoas, um labirinto de remansos e poços de lótus verde-escuros" –, os intrincados rituais da vida cotidiana – "ela espalha um pouco do iogurte que sobrou do leite daquele dia, cobre-o com um pano e coloca-o num lugar fresco" – e os rigores do estudo médico – "seis ensaios para julgar tudo o que aprendi em 13 mil horas".

O romance de estreia de Verghese, *O Décimo Primeiro Mandamento (Cutting for Stone),* de 2009, foi amplamente elogiado e esteve na lista de *best sellers* do jornal *New York Times* por mais de dois anos. *O Pacto da Água,* publicado apenas 14 anos depois, e agora lançado no Brasil, tem as aspirações de um épico.

Trata-se de uma saga de nascimentos, mortes e tudo o mais acontecendo em ciclos. A trama gira em torno de catástrofes climáticas, doenças e acidentes, pontuando as dez partes do romance. Cada calamidade é trágica, fascinante e fundamental para a história.

Algumas cenas, como quando uma criança especial dança para anunciar as monções, ou a última noite da Grande Ammachi, que se movimenta sem parar pela casa, são comoventes e memoráveis.

O uso do presente para falar sobre o passado confere ao texto uma qualidade envolvente e universal, invocando a tradição indiana de contar histórias. O cris-

JASON HENRY

INÊS 249



Autor. Verghese, filho de indianos, nasceu na Etiópia e atuou como médico nos EUA

tianismo fornece a espinha dorsal moral, e o orgulho do povo malaiala brilha em momentos importantes.

Entretanto, ao olhar para o passado a partir de um ângulo aberto, o livro encobre práticas problemáticas da época: a menina-noiva adapta-se sem esforço ao marido 30 anos mais velho, membros de casta alta e de casta baixa convivem como famílias, senhores coloniais e súditos são amigos, o revolucionário lamenta sua revolta e a independência apaga os males do colonialismo.

Os personagens têm temperamento quase bíblico. Eles são gentis, confiáveis e, às vezes, exibem uma consciência social que parece à frente de seu tempo. Os maus se redimem, os corruptos são infalivelmente punidos, o perdão é implorado e concedido, a dor é superada e as divergências são reconciliadas em questão de capítulos. A partir de certo ponto, essa sensação de bem-estar parece um pouco boa demais.

O largo alcance intergerações que torna este romance notável é também seu maior risco, dada a sua extensão. São mais de 600 páginas nas quais coerência e energia oscilam. A "condição" não é mencionada durante centenas de páginas; Digby desaparece por longos períodos; e a segunda parte perde em lirismo.

Dito isso, é inegável que *O Pacto da Água* é um livro importante por seu esforço para documentar tempos e lugares que a maioria dos leitores seria demasiado jovem para ter testemunhado. É também uma homenagem ao progresso científico que tornou a vida humana mais saudável e aos sacrifícios feitos pelas gerações anteriores. Como diz um dos personagens com a "condição", "a viagem de descoberta não é sobre novos lugares, mas sobre ter um novo olhar". •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

AFONSINHO

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos



Pré-Copa América

▶ A disputa, nos Estados Unidos, será um indicativo importante do que esperar da Seleção sob o comando de Dorival Júnior

Com a partida realizada nesta quarta-feira 12, em Orlando, contra os Estados Unidos – terminada em 1 a 1 –, chega ao fim a fase de preparação da Seleção Brasileira para a Copa América, a ser realizada a partir do dia 24. A sequência de jogos de preparação indica que a disputa pode ser um teste para sabermos em que pé está o nosso futebol.

Digo isso recordando como era o futebol por aqui tempos atrás e pensando na forma como estamos encarando os dias atuais. Houve um período, principalmente após a conquista do bicampeonato mundial – no Chile, em 1962 –, em que a Seleção se via obrigada a vencer sempre.

Os treinadores, à altura, faziam de tudo para colocar em campo a melhor equipe, em qualquer circunstância. Passamos, desde então, por muitas e diferentes fases. Algumas delas desastrosas. Penso, hoje, que a indicação do Dorival Júnior foi a melhor escolha para orientar a Seleção.

Minha opinião se baseia na maneira como ele se organiza e nos resultados que, há bastante tempo, vem alcançando nos trabalhos realizados à frente de diferentes equipes – tendo sido o São Paulo a última delas.

Vivemos um tempo de exposição midiática exacerbada. Nesse contexto, cada treinador é o "gênio da lâmpada" da vez. Isso, associado ao destaque excessivo gerado pela mídia e pelas redes sociais, deixa a maioria dos jogadores atada, em situação de cumpridora de funções, sem iniciativa própria, tolhida em sua criatividade.

No fim das contas, no encerramento das temporadas, os melhores – os "bolas de ouro" – sempre são os mais qualificados tecnicamente.

Os mais criativos continuam sendo, porém, aqueles como Messi, Maradona, Garrincha, Pelé, Romário e outros que, embora fortes fisicamente, se destacaram, sobretudo, pelo poder de criação. Por sua arte, eu diria.

É bem verdade ainda que alguns atletas também associaram a capacidade física à técnica. Foi esse o caso de Ronaldo Nazário e Cristiano Ronaldo. Isso sem esquecer, a despeito das questões fora do campo, a trajetória espetacular do Ronaldinho Gaúcho.

Outra coisa da qual precisamos lembrar é: nenhum dos maiores times da história foi composto de 11 supercraques. Como diz o povo, em sua eterna sabedoria, nenhuma construção se faz só com pedreiros ou só com engenheiros e arquitetos.



BAPTISTÃO E GREGG NEWTON/AFP

Amistoso. O jogo contra os EUA, na última quarta-feira, terminou em 1 a 1

Dorival Júnior não se preocupa com o estrelato. Ele prima pela simplicidade e pela dedicação ao trabalho na função de treinador dos times que está encarregado de orientar. Nada de ser a "mão de ferro" que domina o grupo. E sabemos que grupos constituídos dessa forma nunca vão muito longe.

Portanto, o atual treinador da Seleção Brasileira parte de uma visão de conjunto, ligando o início do seu trabalho ao objetivo de, no fim da linha, sair vencedor. Vem causando, inclusive, muito estranhamento o fato de Dorival escalar nos amistosos de preparação os jovens convocados – alguns deles pela primeira vez –, deixando no banco nomes consagrados.

Ele, obviamente, sabe dos riscos implicados nessa decisão, mas confia nas suas escolhas e busca, como ele próprio ressalta, o equilíbrio de suas linhas, o amadurecimento natural. O ponto máximo neste período de ansiedade geral é o cuidado que ele tem demonstrado com Endrick, a maior revelação brasileira do momento.

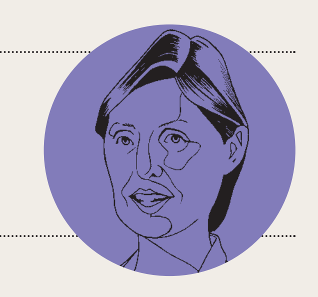
O treinador entende, como poucos, que o atleta não deve ser mais sobrecarregado do que já está. Ele é muito jovem e está vivenciando uma enorme exposição, com as malas prontas para ir jogar no Real Madrid. Dorival acredita em planejamento – dentro do prazo de que dispõe – e tem mostrado saber lidar com isso por onde tem passado, sem se preocupar com os holofotes.

A partir da Copa América, começaremos a ver os resultados da nova direção que vem sendo dada ao nosso futebol – que tanto tem desgostado seus apaixonados torcedores. Os próprios jogadores já manifestam a consciência de que estão no começo da caminhada e que o objetivo maior é chegar ao final dela com os louros da vitória. •

redacao@cartacapital.com.br

INÊS 249

ELNARA NEGRI
Livre-docente pela Faculdade de Medicina da USP e pneumologista do Núcleo Avançado de Tórax do Hospital Sírio-Libanês



Engordar só de respirar

▶ **Vários estudos têm apontado o papel dos altos níveis de poluentes atmosféricos no ganho de peso de crianças e adultos**

A epidemia mundial de obesidade é preocupante e tem atingido crianças e adultos em todas as partes do globo. Nas últimas décadas, houve um rápido aumento no número de crianças e adolescentes com os diagnósticos de sobrepeso e obesidade, o que configura um grave problema A obesidade em crianças e adolescentes pode ter impactos físicos e psicológicos ao longo da vida. Além de estar diretamente ligada a males crônicos, como o diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares, pode causar problemas de autoimagem, baixa autoestima e depressão. Alguns estudos mostram, inclusive, que pessoas portadoras de obesidade têm maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Ou seja, essa condição física pode ter um impacto negativo muito mais profundo do que se imagina.

A obesidade é uma doença crônica causada por fatores genéticos, ambientais e psicossociais. Nesse cenário multifatorial, tem sido dada maior atenção, nos últimos anos, aos fatores ambientais. Vários estudos têm apontado o papel fundamental da poluição do ar no ganho de peso de crianças e adultos, uma vez que essa ação se inicia desde a vida intrauterina. Já era sabida a ligação causal direta de altos níveis de poluentes atmosféricos com doenças cardiovasculares, asma e até com diversos tipos de câncer.

O material que forma a poluição do ar é composto de uma mistura heterogênea de gases, líquidos e resíduo particulado que está se tornando cada vez mais perigosa, devido à intensificação da queima de combustíveis fósseis e à lentidão em se procurarem fontes menos poluentes de energia no mundo.

É assustador: aproximadamente 90% da população mundial está exposta a poluentes atmosféricos que excedem os limites estipulados pelas Diretrizes de Qualidade do Ar da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2021.

O índice de qualidade do ar pode ser calculado com base nas concentrações de seis poluentes: material particulado fino (PM2,5), material particulado inalável (PM10), monóxido de carbono (CO), dióxido de enxofre (SO_2), dióxido de nitrogênio (NO_2) e ozônio (O_3). Vários estudos comprovam que concentrações de hidrocarbonetos aromáticos PM2,5 e NO – produtos da queima da gasolina e do diesel – no ar ambiente, especialmente durante o período pré-natal, impactam o sobrepeso e a obesidade em crianças.

Na vida adulta, a inalação de tais componentes é capaz de alterar o metabolismo em vários níveis e estimular o depósito de gordura nos tecidos. O PM2,5 tem sido muito estudado como o grande vilão das doenças secundárias à poluição, isto porque ele é tão pequeno que consegue passar a barreira dos alvéolos e cair na corrente sanguínea, destruindo e inflamando o interior das artérias, acelerando, assim, o depósito de gordura nesses vasos. O PM2,5 é formado por pequenas partículas de carbono, nas quais os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, além de outras toxinas e metais, são adsorvidos.

O PM2,5 é tão pequeno que consegue, inclusive, ser transportado para o interior de nossas células, produzindo uma intensa resposta inflamatória. Ele entra também nas fábricas de energia das células, as mitocôndrias, atrapalhando a queima de calorias que nelas acontece, causando uma diminuição do metabolismo, o que contribui para o ganho de peso.

Existem ainda outros mecanismos de aumento de peso associados à presença do PM2,5 no organismo. Ele consegue inflamar tanto a glândula tireoide, causando prejuízo em seu funcionamento, quanto o hipotálamo, responsável pela regulação do mecanismo de saciedade no cérebro.

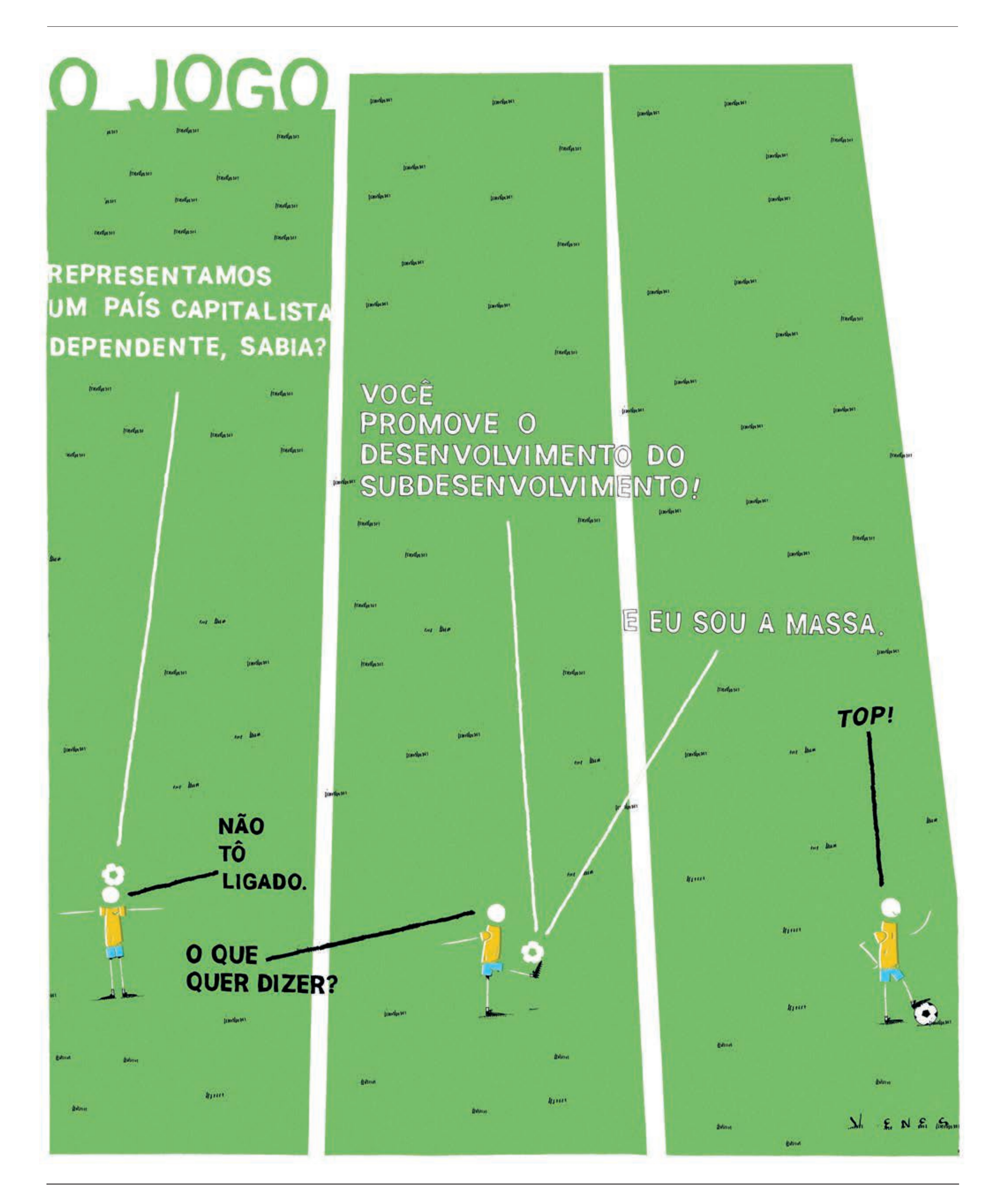
Além disso, o PM2,5 inflama os músculos e o tecido adiposo. Com isso, o músculo não consegue queimar calorias de maneira eficiente e o tecido adiposo é estimulado a armazenar cada vez mais gordura. Essa combinação entre baixo metabolismo e aumento do apetite leva à promoção da obesidade. Isto é ainda mais intenso em indivíduos com tendências genéticas à obesidade e à síndrome metabólica.

Alguns hábitos de vida podem nos proteger desses efeitos. Os mais importantes são o exercício físico regular e a cessação do tabagismo. Mas, como sociedade, devemos nos unir para cobrar das autoridades medidas para a redução dos níveis de poluição atmosférica – como a melhora do transporte público e o incentivo à busca de fontes limpas de energia.

A poluição do planeta nos afeta diretamente, em nossas células. Vivendo nessa atmosfera poluída, podemos, realmente, engordar só de respirar. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO


O JOGO
REPRESENTAMOS UM PAÍS CAPITALISTA DEPENDENTE, SABIA?
NÃO TÔ LIGADO.
VOCÊ PROMOVE O DESENVOLVIMENTO DO SUBDESENVOLVIMENTO!
O QUE QUER DIZER?
E EU SOU A MASSA.
TOP!

INÊS 249

As árvores são nossas grandes aliadas para uma vida melhor!



Papel, cartão e papelão são fabricados a partir de celulose de árvores cultivadas.

O cultivo de árvores para a extração de celulose é uma atividade sustentável, que promove a preservação das florestas nativas.





Árvores cultivadas e colhidas regulamente fornecem matéria-prima para milhares de produtos indispensáveis para os seres humanos.



As indústrias de celulose e papel plantam mais de 1,5 milhão de árvores todos os dias.

Pense nisso quando escolher um produto feito de papel, cartão ou papelão!

INÊS 249